



JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO

DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO

ANO 14.º

SÁBADO, 21 DE NOVEMBRO DE 1970

AVENÇA

N.º 713

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE

EDITOR — JOSÉ MANUEL PEREIRA

PROPRIEDADE — V.º e HERD.º DE JOSÉ BARÃO

OFICINAS: EMP. LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTONIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTONIO — TELEF. 254

LISBOA — TELEF. 361839

FARO — TELEF. 93156

AVULSO 2500

TERÁ CHEGADO A HORA DE MONTE GORDO?

A MELHOR PRAIA DA EUROPA

AGUARDA PARA BREVE O SURTO DE PROGRESSO QUE DE HÁ ANOS LHE VEM SENDO PROMETIDO



Uma bela perspectiva de Monte Gordo que poderá modificar-se a curto prazo

SE fossem cuidadosamente recolhidas e compiladas as referências que desde há muito vêm sendo feitas, por nacionais e estrangeiros, às condições de excepção oferecidas pela praia de Monte Gordo, condições de clima, de incidência solar, de amenidade e transparência das águas, de limpeza e finura das areias, de extensão e segurança na zona de banhos, quer para as crianças, quer para os adultos, elas dariam um grosso volume, constituindo mais um motivo de atracção para a excelente praia. Porém, a melhor propaganda de Monte Gordo é ainda o testemunho dos que a visitam e a ela voltam, sempre que podem, influyendo amigos e conhecidos para que a visitem também. É tamanho o sortilégio exercido que são numerosas as famílias do Norte e Centro do País que nela regularmente passam as férias, o mesmo acontecendo a muitos estrangeiros que, com seus familiares, percorrem todos os anos vários milhares de quilómetros — e dizem-nos que o fazem por gosto — para em Monte Gordo se fixarem durante algumas semanas.

Com tantos e tão provados atributos não será para nós motivo de admiração tudo o que o turismo e o progresso conseguem canalizar para Monte Gordo, pois conhecemos, lá fora, zonas que nos fariam

sorrir, de quem tentasse estabelecer uma comparação, arremedos de praias sem um mínimo de condições, mas que por força do turismo e pelo empenho dos que se lhes devotaram, quase de um dia para outro se viram transformadas em grandes centros mundanos.

Vem isto a propósito do muito

que nas últimas semanas a Imprensa diária tem dito de Monte Gordo, realçando-lhe os naturais predios e prevendo-lhe para breve uma série de realizações que não deixarão de influir na rápida evolução que se lhe deseja.

Assim, teria Monte Gordo, entre outros empreendimentos de vulto,

um hotel de 200 quartos (5 estrelas) da companhia alemã Alfa; dois hotéis, um de 200 quartos (4 estrelas) e outro de 240 quartos (3 estrelas) da empresa Retur; e um hotel de 184 quartos (4 estrelas) da empresa Fernando Xavier & Brother. Todos estes hotéis com projecto

(Conclui na 5.ª página)

ENSINO PARTICULAR:

ESPERAR A INCERTA EXPANSÃO DO ENSINO LICEAL OFICIAL?

2 LUTAR POR UMA POLÍTICA DE SUBSIDIARIDADE?

por Carlos Albino

NO artigo anterior afirmámos que por trabalho colectivo e por intervenção dos que têm graves responsabilidades na formação educativa dos jovens algarvios não entendemos que isso seja simples moda política, mas uma questão de sobrevivência. E os inúmeros problemas que se levantam diariamente a propósito do Ensino não podem ser resolvidos com soluções provisórias. Os pais e jovens algarvios sentem que essas soluções, radicadas em dados e informações empíricas, ou são escolhidas ao sabor de diversos interesses ou baseadas na emoção tradicionalista, e raramente focam a questão da sobrevivência de um grupo social no futuro. A iniciativa privada está por essa mesma questão a sentir-se à beira do malogro.

Frequentemente a Imprensa do Algarve e alguma de Lisboa se refere a este assunto. As declarações de proprietários, as reportagens conseguidas e os factos, expressam bem que a par da consciência de que o Ensino Particular (cuja faceta mais chamativa é a do ensino liceal) é de importância

fundamental para grande parte do Algarve sob o ponto de vista sócio-educativo. A par disto, o malogro das iniciativas corréi os projectos pedagógicos e alguns casos até já desiludiu completamente as possi-

bilidades de simples manutenção das escolas.

De facto se não for reconhecida, ao menos, a função social da iniciativa privada, em termos concretos,

(Conclui na 7.ª página)

VAI REALIZAR-SE A V ROMAGEM DE SAUDADE AO LICEU DE FARO

pela dr.ª Maria Odette L. da Fonseca

DESDE 1966 que os antigos alunos e professores do nosso Liceu não se reúnem. De cinco em cinco anos assim fora previsto, mas em 65 é que deveria ter sido a 4.ª Romagem de Saudade. Embora com um ano de atraso fez-se depois e eis que o 1.º de Dezembro de 1970 se aproxima. O silêncio era tamanho, sobre o caso, que alguns aceitavam, de braços pendidos, a morte de tão bela iniciativa. Raros mantinham esperanças e para esses foi de exultação a notícia propagada na semana finda. Tardia mas seguramente é confirmada a concentração em Faro, no próximo feriado, graças a um grupo que não deixou de confraternizar, periodicamente. As professoras liceais dr.ª Maria Helena Serra e Arminda Mascarenhas Azevedo, o eng. Luis Vieira Pinto, o arq. Manuel Maria Laginha e Joaquim Carvalho chamaram a si o encargo de agitar a ideia e dar-lhe corpo, com o patrocínio da Casa do Algarve em Lisboa e a entusiasta colaboração de um dos seus activos dirigentes e obreiro das várias Romagens, sr. Hermenegildo Neves Franco. O Liceu de Faro aceitou jubilosamente o comunicado e o seu reitor, esse algarvio pelo coração, a quem toda

(Conclui na 7.ª página)

JORNAL do ALGARVE

O NÚMERO de Novembro do Boletim do Clube de Campismo de Lisboa transcreveu o artigo do nosso dedicado colaborador Manuel Faria, que há semanas inserimos, sob o título «O campismo deve ser aceite no Algarve como turismo válido», antecedendo a transcrição da seguinte referência, que agradecemos:

O Jornal do Algarve vem desde o início do surto turístico algarvio defendendo a posição do campismo como elemento válido na promoção turística da Província. Estes nossos amigos sabem que o campista-turista não compra somente alfaces e tomates e que o interesse do turismo numa região não é representado apenas pelos capitais empastados em hotéis para ricos.

Há por isso que saber separar os que defendem o interesse do turismo para os algarvios e os que defendem o seu interesse no turismo algarvio. O Jornal do Algarve defende, sim, os interesses da Província e os direitos que a todos assiste ao sol algarvio.

Por isso, com as nossas homenagens, transcrevemos mais um artigo daquele jornal.

POLÍTICA DE HIGIENE PÚBLICA: VELHA RESPONSABILIDADE DOS MUNICÍPIOS ALGARVIOS E NOVA DA COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO

por Afonso Galvão

JÁ não estamos sequer na hora do turismo: estamos no pêndulo do turismo. Não é que com isto se diga que não há outros pêndulos no Algarve. Mas o que sucederia se neste momento o turismo paralisasse esta engrenagem cada vez mais acrescida de elementos novos? Não seria de um momento para o outro que todos compreenderiamos bem o que se passa nos campos, nas fábricas e no mar, para que também de um momento para o outro conseguíssemos o que seria necessário para substituir o turismo. Isto está provado pelos factos e os projectos que se vão concretizando cada vez mais, ao longo do litoral algarvio e pouco a pouco para o interior, tornam evidente que o turismo não é apenas uma questão moral ou uma questão humana aqui do Algarve: é uma hipótese de sobrevivência e

(Conclui na 6.ª página)

O ALGARVE PODE BEM COM TUDO...

NA realidade, sente-se uma certa animosidade quando referimos as excelências e a beleza deste cantinho meridional e as suas apetências para o turismo internacional. Há sempre algo que censurar, algo que criticar julgando que, de qualquer modo, se minimiza o Algarve, posto em foco pela preferência que os povos estrangeiros lhe estão dispensando.

Ainda agora muitos passaram pelo desgosto de ouvir e saber que a «turista três milhões» demandava Portugal, em procura do Algarve. A gentil turista holandesa demandava uma região soalheira, cujas praias lhe haviam sido desvendadas pela propaganda de um hotel algarvio e que provocaram a atenção e atracção da jovem nor-
(Conclui na 6.ª página)

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA

NOTA da redacção

O TURISMO trouxe muitos benefícios ao Algarve. Não há dúvida. Estão à vista. Mas trouxe também alguns prejuízos, mais difíceis de verificar porque nem sempre se notam ao primeiro relance.

Já os temos aqui apontado, mas talvez nunca sob este aspecto: o informativo. Seria normal que uma Província em desenvolvimento turístico, o fosse também sob muitos outros prismas, inclusivamente nos meios de comunicação. Infelizmente, porém, prevalece no Algarve o aspecto explorativo.

Sempre houve variedade de jornais no Algarve, mas o turismo trouxe uma espécie diferente, a

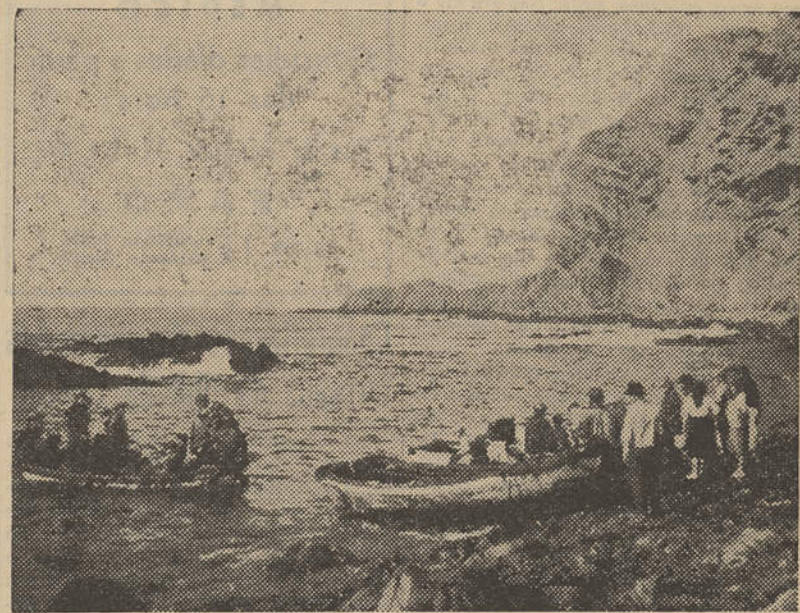
OS «NOVOS-RICOS» DA INFORMAÇÃO

que chamamos os «novos-ricos» da Informação. Eles sabem tudo a respeito de tudo. Descubrem histórias e fotografias em exclusivo. Têm o privilégio da honra e da honestidade, agredindo e caluniando os outros. São os únicos e verdadeiros representantes do público, inventando e renegando os sagrados princípios que deviam seguir.

Turistas do jornalismo sem infra-estruturas, desconhecem que os verdadeiros profissionais obedecem a uma deontologia, onde a verdade e a lealdade ocupam um lugar cénico e o boato e a ofensa não têm quartel.

Esquecem, também, que houve homens na Imprensa algarvia que o foram desinteressadamente, sem turismo nem auxílios externos, ao serviço de uma causa por que lutaram até à morte. Esses e os outros que eles hoje ofendem descaradamente sempre conheceram a sua missão e a honraram e nunca se preocuparam com o ataque pessoal e a calúnia.

Por isso, o JORNAL DO ALGARVE mantém hoje a mesma linha de rumo desde o seu aparecimento e sabe de antemão qual o seu lugar junto do público e da população da Província em especial, que não dá guarda aos órgãos da Imprensa nascidos do turismo e a ele encostados.



Um trecho acidentado (e bonito) da zona costeira de Aljezur

AINDA NÃO COMEÇAM EM 1971 AS OBRAS DE SANEAMENTO DE ALJEZUR

NO plano de actividades para 1971 do Município de Aljezur, refere o presidente da edilidade, sr. alferes reformado Ildefonso José Baptista, que o documento foi elaborado não sem as habituais dificuldades, porventura este ano ainda superadas relativamente ao anterior, por ser sensivelmente inferior a verba do cofre municipal com que para o efeito se pode contar, pois embora a revisão de impostos e taxas a que se procedeu correspondia a um aumento de receita da ordem dos 70 contos, o ajustamento da despesa com pessoal, assistência e outras, ainda excedeu aquela importância, fazendo baixar para cerca de 100 contos apenas, a verba com que das receitas municipais poderão ser dotadas as obras de fomento a executar em 1971.

Desto modo, com tão pequena verba, e com tantas obras por fazer, de indiscutível necessidade e urgência, como seja o prosseguimento do plano rodoviário, a ampliação do cemitério municipal, a

(Conclui na 5.ª página)

saúde é a maior riqueza

COLABORAÇÃO INESTIMÁVEL

O doente não pode ser um simples espectador do seu tratamento ou proceder como um descrente ou um autómato. Deve colaborar com o médico, seguindo-lhe as prescrições com absoluta confiança e exactidão.

Seja um auxiliar eficiente do médico, colaborando no seu tratamento com alma e inteligência.

LOTARIAS E TOTOBOLA CAMPIÃO SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

CRÓNICA DE FARO

por CARLOS MARTINS



O boneco e os fantoches

FALTA pouco mais de um mês para o Natal. É a altura das grandes empresas começarem a pensar na organização de espectáculos de arte e de confraternização para o seu pessoal, com a habitual distribuição de lembranças e brinquedos aos filhos dos seus colaboradores. Ao Grupo de Teatro do C. C. A., já chegaram alguns pedidos para a possível contribuição artística nessas festas. E todos eles preferem os fantoches, o que equivale a dizer que é o que mais faz rir as crianças e despreocupar os homens.

E talvez, pelo conhecimento directo que tenho dessas solicitações, dei comigo, uma noite destas, afilíssimo, sem saber como conduzir todo o meu fabuloso e fantasiado conjunto de marionetas. No escuro da noite, abri os olhos à procura de mãos que me ajudassem e sorri ao descobrir que tudo esse pseudo-mundo de criaturas articuladas não passava de um ocasional pesadelo. E nem descobri as mãos, mãos que não seriam ali necessárias porque também não havia fantoches. Fora tudo imaginação. Contudo, esse riso de alívio logo se transformou num esgar de frustração, porque no fundo, enrolado nas dobras do meu espírito, existe em mim o desejo real de concretizar um dia esse sonho, essa deliciosa irrealdade de conduzir nas pontas dos meus dedos uma dúzia de figurinhas insignificantes, impessoais, vazias de carácter e ocas de senso e de raciocínio. Estristei. Exclamei irado ante a minha impotência: «Oh! Pobre mortal, tu que transpiras mais do que te inspiras, para que pretendes o que não podes ter? Que é deles, os bonecos, da arte, do poder, do prestígio; tu, que não passas de simples ambidestro, como podes pensar em manejar sózinho toda uma companhia de palhaços?»

Fechei os olhos. A noite mal cingia os silêncios. Quisera eu e ainda havia tanto que sonhar. Nisto, qual aurora de sol rasgando as brumas do horizonte, eis que surge nas minhas mãos o barro, no meu cérebro o talento e no meu espírito a estranha vontade de humanizar aquela matéria amorfa que o sonho me facultara. E à semelhança de Deus ao criar o homem, eu fabricuei o meu boneco.

— Eu sou o teu criador — disse-lhe, ao vê-lo no seu primeiro vagido.

— E eu o teu filho. Fizeste-me humano e puseste-me sobre a Terra para que eu seja o veículo da tua vontade. Assim farei porque para isso me fabricaste.

Passaram-se os anos. Nem é preciso um sonho para que passe uma vida. Num só pensamento se contém uma existência. Ao meu boneco-menino nunca faltou amor, cuidados, nada. Não era ele o meu único filho, o meu sucessor, a minha esperança, aquele a quem todos tinham, obrigatoriamente, de satisfazer os caprichos de menino rico? . . . Ensinei-lhe tudo o que sabia da vida, dei-lhe mestres e fortuna e o tempo deu-lhe conhecimentos, experiência e saber. Aos poucos o menino fez-se homem e foi-se apoderando das coisas do mundo e dos homens-homens. Mas só tarde descobri que ele não era tão perfeito quanto eu desejara. Em cada triunfo seu eu sentia que ele se afastava cada vez mais de mim, do ideal que motivava a sua criação. Que se tornava senhor despota, com um sentido errado da auto-suficiência, que trazia atrás de si toda uma multidão de bajuladores a quem pagava, quantas vezes com o meu dinheiro, para o seguirem transformados em servos ou em mulas de tiro a puxar a carroça onde carregava os caixotes da sua vaidade de ser omniscente, ele que não passava de um boneco, de um produto imperfeito da minha imaginação.

Foi assim que o vi fugir das minhas mãos, a rasgar o barro da boca numa gargalhada idiota. Contudo, acompanhei a sua emancipação nos largos caminhos do mundo, por onde morrem de tédio os homens de verdade e onde ele se radicaria para denunciar toda a sua insipiente e incapacidade de completar todas as obras em que tocou ao longo da sua vida efêmera. A vaidade havia de destruí-lo, de trazê-lo de regresso àquela matéria amorfa de onde tão carinhosamente o retirei.

Um dia, o meu boneco foi deabalado até Colimbrã. Dizia que queria ser engenheiro. Porém a Universidade breve o rejeitava e o remetia à procedência com o carimbo de «incapaz». Esqueceram-se os mestres de que eu tinha dinheiro bastante para comprar um curso ao meu filho-boneco?

Ferido no seu orgulho ele jurou, não sei se sobre os Evangelhos, que havia de mostrar ao mundo do que era capaz um homem com os pés fincados em terra. E como a ciência se lhe negou, o meu filho enveredou por mais fáceis estradas onde o decalque também leva ao êxito, onde o dinheiro ainda pode valer alguns triunfos. E fez-se amante da arte e protector de desvalidos e fracassados. Impulsionou o teatro onde atingiu o cume como intérprete. A música, reorganizando uma orquestra típica que dormia o sono do esquecimento, um grupo folclórico onde se fez o mais fervoroso adepto e brilhante colaborador. Nas suas mãos tudo era sol. Era o meu oiro que reluzia e embriagava, era o meu dinheiro que lhe garantia o sucesso. Por isso não tardou que o meu boneco fosse um indivíduo escudatado religiosamente por multidões preocupadas, nas suas orações de sápiencia tão esforçadamente engendradas e depois longamente decoradas fren-

te ao usado espelho do nosso guarda-fato de família. É que ele tinha de mostrar-se inteligente, salvar as aparências. Porém, um dia, aconteceu o insólito. Deu em trair-me, em trair tudo o que lhe dera fama e prestígio e fizera dele uma criatura diferente do vulgar mortal. Entrou a espezinhar os valores morais que o tornaram admirado e admirável no conceito do transatório. Agora, anda por aí aos pontapés com as pessoas e as coisas, alheado da nobreza de carácter que sempre o distinguia. Abraçou o desporto. Não é que eu me importe. Ele até podia jogar o futebol desde que não traisse todos os outros bens, os do espírito, com os quais se fez homem digno e probe.

Quando nessa manhã acordei, ih! meu Deus, estava completamente encharcado, mas feliz, porque o meu palhaço logo se desvaneceu ao abrir os olhos. E voltei a sorrir como horas antes fizera ao descobrir que tudo não passava de um ocasional pesadelo. Ainda bem. Pois com tanta traição cometida ao longo da sua carreira o meu filho-boneco vira, fatalmente, a apunhalar o desporto, como já antes o fizera com o teatro, a música, o folclore, com tudo aquilo que o guindou à sua elevada posição de homem. E como ninguém fabrica de propósito um monstro, a não ser uma pessoa mal formada como aquele meu boneco, dei-me por satisfeito quando a minha mulher me despertou nessa manhã, é que eu quero viver tranquilamente, sem espinhos na consciência. Não quero mais filhos-bonecos que maltratam tudo o que quero e amo, nem palhaços que me destruam. Já me bastou o susto dessa noite de pesadelos.

Falta pouco mais de um mês para o Natal, dizia eu no princípio da crónica e os fantoches do Grupo de Teatro do C. C. A. já estão preparados para ir alegrar a petizada e recrear os homens com as suas histórias infantis.

A. Leite de Noronha MÉDICO
Consultas diárias a partir das 16 horas
Rua da Trindade, 12-1.º, Esq. FARO
TELEFS. { Consultório 24505
Residência 24642

Concretização da venda dos terrenos da ilha de Tavira

O Município tavnense recebeu da nova empresa ILTA — Sociedade Urbanizadora da Ilha de Tavira, S. A. R. L., a importância de 1 470 contos, valor da venda de 245 mil metros quadrados de terreno da referida ilha, que se destinam à construção urbana e incluem zonas verdes, parques de estacionamento, hotéis, equipamento recreativo, comercial e administrativo.

Exposição de pintura e aluminios em Lagos

Com a presença do sr. brigadeiro Costa Franco, presidente do Município e de outras individualidades, foi inaugurada, no sábado, em Lagos, uma exposição de pintura e aluminios de Vieira Cabrita. Ao animado colóquio que se seguiu, assistiram alguns dos orientadores das «tardes de criação artística» para crianças, e Vieira Cabrita respondeu a perguntas que lhe foram dirigidas acerca dos trabalhos expostos e, de uma forma geral, de toda a sua vida artística. A exposição prolonga-se por vários dias.

Na tarde de hoje, no 2.º piso da Câmara Municipal, prosseguem as sessões de arte para crianças e, à noite, na Galeria da Rua da Zorra, os colóquios para adultos.

No aeroporto de Faro vai ser instalado um aparelho detector de armas

Os órgãos informativos referem amíde o desvio de aviões, e para pôr cobro à «pirataria aérea» tem-se recorrido a diversas medidas, entre elas a instalação de aparelhos que permitem detectar a presença de armas. Um desses aparelhos vai ser instalado no aeroporto de Faro.

ECOS

Fim de curso

Concluiu a licenciatura em Ciências Económicas e Financeiras, na Universidade de Lisboa, o sr. dr. António Reinaldo Pereira de Mendonça, filho da sr.ª D. Julieta do Carmo Pereira de Mendonça e do nosso assinante sr. João dos Santos Mendonça, funcionário em Faro, da Companhia de Seguros A Pátria.

Partidas e chegadas

Esteve em Vila Real de Santo António, a fim de tomar parte numa caçada, o sr. João do Livramento, nosso assinante em França, que era acompanhado pelos srs. drs. Escourrou Pierre e Ser. — Está a férias em S. Brás de Alportel o sr. António Chaves de Oliveira Pinto, nosso assinante em Matola (Lourenço Marques).

Esteve em Vila Real de Santo António, na nossa Redacção o sr. Francisco Tomás Lapa, nosso assinante em Faro.

Casamentos

Na igreja paroquial de Palmela, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Filomena de Sousa Romeiras Lourenço, farmacêutica, filha da sr.ª D. Maria de Sousa Eusebio Romeiras Lourenço e do sr. dr. João Lourenço, notário naquela vila, com o sr. João António Várzea Corrêa, diplomado pelo Instituto Comercial de Lisboa, funcionário da Ford Lusitana, em Lisboa, filho da sr.ª D. Emília Várzea Corrêa e do sr. Portugal Soares Corrêa, comerciante no Cadaval. Foram padrinhos, da noiva, sua irmã sr.ª D. Maria de Fátima de Sousa Romeiras Lourenço, regente agrícola, e seu tio, sr. Marcelino Lourenço, funcionário da 2.ª Repartição da Contabilidade Pública, do Ministério das Finanças, em Lisboa, e do noivo, a sr.ª D. Maria Maria Ribeiro Corrêa Soares Branco e esposo, sr. dr. Rui Soares Branco, conservador do registo civil, na 2.ª Conservatória de Lisboa.

Finda a cerimónia foi servido, na Sociedade Filarmónica Humanitária de Palmela, um copo-d'água aos numerosos convidados.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o norte do País, ficando residência em Lisboa.

Na igreja da Madre de Deus, em Lisboa, realizou-se a cerimónia do casamento da sr.ª D. Maria Matilde Rodrigues Rosa, aluna da Faculdade de Letras, filha do sr. dr. Lígia Seixas Rosa e Rosa e do sr. António Rodrigues Rosa, com o sr. Manuel António Seixas Esteves, aluno da Faculdade de Medicina, filho da sr.ª D. Duclília Injante Seixas Esteves e do sr. Manuel Tavares Esteves. Foram padrinhos da noiva, a sr.ª D. Adélia Fontes Frade e o sr. dr. Armando Fontes Frade.

Gente nova

No Hospital de Tavira, teve o seu bom sucesso dando à luz uma menina, a sr.ª D. Antónia Maria Bandeira Sebastião da Cruz, esposa do sr. João Pedro Duarte da Cruz.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO
Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Alves de Sousa; e até sexta-feira, a Farmácia Piedade.
Em FARO, hoje, a Farmácia Alexandre; amanhã, Crespo Santos; segunda-feira, Paula; terça, Almeida; quarta, Montepio; quinta, Higieno e sexta-feira, Graça Mira.
Em LAGOS, a Farmácia Lacobrigense.
Em LOULÉ, hoje, a Farmácia Confiança; amanhã, Pinheiro; segunda-feira, Pinto; terça, Avenida; quarta, Madeira; quinta, Confiança e sexta-feira, Pinheiro.
Em OLHÃO, hoje, a Farmácia Pacheco; amanhã, Progresso; segunda-feira, Oihanense; terça, Ferro; quarta, Rocha; quinta, Pacheco e sexta-feira, Progresso.
Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Oliveira Furtado; amanhã, Moderna; segunda-feira, Carvalho; terça, Rosa Nunes; quarta, Dias; quinta, Central e sexta-feira, Oliveira Furtado.
Em S. BRÁS DE ALPORTEL, hoje, a Farmácia Pereira; amanhã, Montepio; segunda-feira, Dias Neves; terça, Pereira; quarta, Montepio; quinta, Dias Neves e sexta-feira, Pereira.
Em SILVES, hoje, a Farmácia Duar-

MARQUES PINHEIRO
A MAIOR FABRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MAQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA
Sede — TROFA
Filiais
Lisboa — Rua Filinto Elísio, 15 C
Portimão — Rua Inf. D. Henrique, 194

CONVITE
Das 9 às 13 e das 15 às 19 horas pode verificar a magnífica coleção de faqueiros, das afamadas marcas
«Chromolit»
«Mendes»
«Silva»
«Miranda»
na Casa CARAVELA de Vila Real de Santo António.

AGENDA

te; e até sexta-feira, a Farmácia João de Deus.
Em TAVIRA, hoje, a Farmácia Central; amanhã, Franco; segunda-feira, Sousa; terça, Montepio; quarta, Abolim; quinta, Central e sexta-feira, Franco.
Em VILA REAL DE SANTO ANTONIO, a Farmácia Silva.

CINEMAS

Em ALMANSIL, no Cinema Miranda, hoje, «O ás do pedal» e «Os dominadores»; amanhã, «Missão tempestade».

Na FUSEIA, no Cinema Topázio, amanhã, «For amor... por magia...» e «Cabriola»; quinta-feira, «Cinco destemidos para Singapura»; e «Presa humana».

Em FARO, no Cinema Santo António, hoje, «Justine»; amanhã, «Dois homens e um destino»; terça-feira, «Paris-Isambul sem regresso»; e «7 homens de ouro»; quarta-feira, «24 horas da vida duma mulher»; quinta-feira, «A fúria de Johnny Kidd»; sexta-feira, «Cinco destemidos para Singapura»; e «A minha última condessa».

Em LISBOA — a sr.ª D. Paula Rosa, de 71 anos, viúva, natural de Loulé, ex-empregada dos Serviços de Emigração Estrangeira, mãe da sr.ª D. Assunção Rosa Ferreira Cruz e sogra do sr. Alfredo Rodrigues Cruz.

o sr. Francisco de Castro e Albuquerque, de 69 anos, natural de Loulé, ajudante de notário, casado com a sr.ª D. Maria Adelaide Santos de Castro e Albuquerque.

o sr. José Rodrigues, de 60 anos, natural de Boliqueime, casado com a sr.ª D. Vitória Neves Mendes.

o sr. Manuel Lourenço Fernandes, de 53 anos, natural de Castro Marim, guarda da P. S. P., casado com a sr.ª D. Raquelina dos Mártires Caldeira e pai do sr. José Manuel Caldeira Fernandes.

o sr. Mateus David, de 85 anos, viúvo, natural de Olhão.

o sr. Joaquim de Jesus Nunes, de 28 anos, natural de Monchique, casado com a sr.ª D. Inácia da Conceição Pedro Nunes, pai do menino Rui Pedro Nunes e filho da sr.ª D. Maria Francisca de Jesus e do sr. Manuel Nunes.

a sr.ª D. Maria Francisca Correia, de 61 anos, natural de S. Bartolomeu de Messines, Silves, casada com o sr. João Inácio Correia.

As famílias enlutadas apresentam *Jornal de Algarve*, sentidos pésames.

Vende-se

Supermercado do parque de campismo na praia de Faro.

Tratar com o telefone 22970 — FARO.

NECROLOGIA
Manuel Gonçalves
Em Vila Real de Santo António, de onde era natural, faleceu o sr. Manuel Gonçalves, de 69 anos, casado com a sr.ª D. Maria d'Águeda, com os seguintes filhos: Manuel d'Águeda Gonçalves, comerciante naquela vila, casado com a sr.ª D. Maria Emília Guimarães Gonçalves, Rui d'Águeda Gonçalves, casado com a sr.ª D. Maria dos Mártires Gonçalves, Amílcar d'Águeda Gonçalves, casado com a sr.ª D. Germina Alda Gonçalves, e Marco d'Águeda Gonçalves, casado com a sr.ª D. Vitorina Gonçalves.

Coronel Flaviano Eugénio da Costa

Faleceu em Lisboa o sr. coronel Flaviano Eugénio da Costa, natural de Faro. Era irmão da sr.ª D. Maria Eduarda da Costa e do saudoso poeta dr. Augusto Emiliano da Costa; pai da sr.ª D. Maria Carlota Correia da Costa Quintino e do sr. eng. Mário Augusto Correia da Costa; e sogro da sr.ª D. Rita de Cassis Aveleiro Marques da Costa e do sr. eng. José António Feio do Prado Quintino.

José Bravo Leal
Faleceu em Lagos o sr. José Bravo Leal, de 71 anos, 2.º-sargento aposentado, casado com a sr.ª D. Soledade Pacheco Boto.
Era pai da sr.ª D. Maria Clementina Leal Melo, casada com o sr. Celso Serrão Melo, residente em Bensafim.

Dr. José Diogo Guerreiro
Em Lisboa, faleceu o sr. dr. José Diogo Guerreiro, de 81 anos, viúvo, natural de Tavira.

OLHÃO

Seis anos de saude



A 21 de Novembro de 1964 faleceu Francisco Crispim Faustino de Brito, deixando em angústia seus pais, irmã e cunhado. Na passagem do 6.º aniversário do seu falecimento, continua viva a sua dor.

Era pai do sr. Eduardo de Vilhena Guerreiro; sogro da sr.ª D. Maria Fernanda Guerreiro; e avô do sr. José Diogo Vilhena Guerreiro e das meninas Ana Paula Vilhena Guerreiro e Patrícia Vilhena Guerreiro, estudantes; e irmão do sr. dr. Zacarias da Fonseca Guerreiro.

D. Ilda Contreiras Campos Cansado

Faleceu em Tavira, de onde era natural, a sr.ª D. Ilda Contreiras Campos Cansado, de 82 anos, viúva do coronel Jaime Pires Cansado. Era mãe dos srs. brigadeiro-médico dr. Fausto de Campos Cansado e coronel de Engenharia Rogério de Campos Cansado, comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros, residentes, em Lisboa.

TAMBÉM FALOCERAM :

Em FARO — a sr.ª D. Flávia de São José Alves Ramos Serra, de 84 anos, proprietária, viúva de Manuel Serra, fundador da Casa Serra.

o sr. José de Sousa Rosa, natural de S. Brás de Alportel, de 66 anos, que deixava viúva a sr.ª D. Maria da Glória de Sousa Vicente e era pai da sr.ª D. Libânia de Deus da Glória de Sousa e do sr. Valentin Tibúrcio.

Em LISBOA — a sr.ª D. Paula Rosa, de 71 anos, viúva, natural de Loulé, ex-empregada dos Serviços de Emigração Estrangeira, mãe da sr.ª D. Assunção Rosa Ferreira Cruz e sogra do sr. Alfredo Rodrigues Cruz.

o sr. Francisco de Castro e Albuquerque, de 69 anos, natural de Loulé, ajudante de notário, casado com a sr.ª D. Maria Adelaide Santos de Castro e Albuquerque.

o sr. José Rodrigues, de 60 anos, natural de Boliqueime, casado com a sr.ª D. Vitória Neves Mendes.

o sr. Manuel Lourenço Fernandes, de 53 anos, natural de Castro Marim, guarda da P. S. P., casado com a sr.ª D. Raquelina dos Mártires Caldeira e pai do sr. José Manuel Caldeira Fernandes.

o sr. Mateus David, de 85 anos, viúvo, natural de Olhão.

o sr. Joaquim de Jesus Nunes, de 28 anos, natural de Monchique, casado com a sr.ª D. Inácia da Conceição Pedro Nunes, pai do menino Rui Pedro Nunes e filho da sr.ª D. Maria Francisca de Jesus e do sr. Manuel Nunes.

a sr.ª D. Maria Francisca Correia, de 61 anos, natural de S. Bartolomeu de Messines, Silves, casada com o sr. João Inácio Correia.

As famílias enlutadas apresentam *Jornal de Algarve*, sentidos pésames.

Vende-se

Supermercado do parque de campismo na praia de Faro.

Tratar com o telefone 22970 — FARO.

DR. DIAMANTINO D. BALTARZAR
Médico Especialista
Doenças e Cirurgia
dos Rins e Vias Urinárias
Consultas diárias a partir das 15 horas
FARO
Telefones { Consultório 22013
Residência 24761

Cristiano Cerol inaugura hoje uma exposição em Faro

O artista algarvio autodidacta Cristiano Cerol, expõe a partir de hoje, nas salas do Hotel Faro. Este jovem participou em Lagos no Salão Colectivo de Arte, e tem desenvolvido grande actividade no sector da publicidade e artes gráficas.

MARIA ANA RAMOS HERDADE

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Herculano da Silveira Herdade, Nívio José Ramos Herdade, sua mulher e filhos, José Gonçalves Ramos e sua mulher, e restante família, participam que no próximo dia 25, será rezada missa pelo eterno descanso da alma da sua muito querida esposa, mãe, avó, irmã e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso ato, em Faro às 9,30 na Igreja de S. Pedro, e em Lisboa às 18,30 no Mosteiro dos Jerónimos.

Aproveitem a oportunidade para agradecerem muito reconhecidamente a todos quantos testemunharam o seu pesar, especialmente àquelas a quem por lapso ou desconhecimento de moradas o não podem fazer directamente.

Pesca do Alto

Vende-se ex-traineira Nossa Senhora da Graça com 17 metros de fora a fora e motor Cummins de 205 HP, tudo em óptimo estado de conservação. Resposta a Abel Figueiredo Luiz — LAGOS.

LOTAS

De 11 a 18 de Novembro

VILA REAL DE STO. ANTONIO

Refrega	32 260\$00
Alecrim	29 610\$00
Flor do Sul	26 160\$00
Lestia	25 220\$00
Audax	23 100\$00
Norte	20 410\$00
Árcola do Guadiana	19 880\$00
Sul	18 380\$00
Liberta	17 050\$00
Diamante	16 230\$00
Ilha do Sonho	15 270\$00
Garotinho	14 700\$00
Conceição	11 570\$00
Infante	9 250\$00
Maria Rosa	8 630\$00
Leste	5 560\$00
Diamantino	3 500\$00
Costa Azul	2 400\$00
Agadão	2 360\$00
Amazona	1 850\$00
Nova Esperança	1 700\$00
Restauração	1 500\$00
Total	306 580\$00

BELLATRIX ESPECIAL

Alimentação Transistorizada

De 13 a 17 de Novembro

OLHÃO

TRAIENEIRAS :

Vandinha	26 010\$00
Nova Esperança	11 740\$00
Costa Azul	9 300\$00
Salvadora	7 900\$00
Lardínhas	6 450\$00
Restauração	4 780\$00
Agadão	3 450\$00
Flor do Sul	3 080\$00
Amazona	3 050\$00
Norte	1 390\$00
Leste	820\$00
Total	77 370\$00

BOMBAS DE PEIXE MARCO

De 12 a 17 de Novembro

QUARTEIRA

Artes diversas 121 424\$00

ALADORES PURETIC

De 10 a 17 de Novembro

PORTIMÃO

TRAIENEIRAS :

Brisamar	44 000\$00
Praia Três Irmãos	42 600\$00
Anjo da Guarda	35 900\$00
Atalanta	32 800\$00
La Rose	31 120\$00
Biscaia	28 650\$00
Flora	27 550\$00
Portugal 7.º	26 200\$00
Cinco Marias	24 740\$00
Vulcânia	23 800\$00
Nova Palmeta	23 700\$00
Bala de Lagos	22 890\$00
Neptúnia	19 380\$00
São Mírvio	19 350\$00
São Carlos	18 700\$00
Arrifana	18 490\$00
Lola	18 100\$00
Gracinha	18 000\$00
Portugal 5.º	16 680\$00
Sagres	15 900\$00
Mirita	15 700\$00
Mirita	15 220\$00
Praia Morena	13 700\$00
Donzela	13 200\$00
Maria do Pilar	11 100\$00
Sol	9 400\$00
Lena	9 010\$00
Senhora do Cais	8 930\$00
Olimpia Sérgio	8 550\$00
Maria Benedito	8 200\$00
Sónia Clementina	7 800\$00
Marinheira	6 600\$00
Portugal 4.º	6 600\$00
Ponta do Lador	6 590\$00
Princesa do Arade	3 850\$00
Satúrnia	3 800\$00
Zavial	3 500\$00
Alga	3 500\$00
Oca	2 180\$00
Sete Estrelas	1 600\$00
Sr.ª da Encarnação	1 250\$00
Total	668 530\$00

MOTORES INTERNATIONAL

De 12 a 18 de Novembro

LAGOS

TRAIENEIRAS :

Sr.ª da Encarnação	67 180\$00
Zavial	26 900\$00
Brisamar	22 850\$00
Sagres	21 000\$00
Bala de Lagos	12 950\$00
Gracinha	10 820\$00
Abeluz	8 020\$00
Satúrnia	6 090\$00
Marisabel	5 940\$00
Costa de Oiro	5 890\$00
Donzela	1 350\$00
Biscaia	790\$00
Atalanta	730\$00
Portugal 5.º	590\$00
Total	191 100\$00

SENHORA

Casal italiano pretende servente receptora com idade entre os 35 e os 45 anos, educada, para servir em Itália. Resposta ao n.º 13 642 deste jornal.

Comunicado

Robert Bosch (Portugal), L. da

INFORMA:

Que nomeou seu Agente Oficial para o concelho de Vila Real de Santo António para a sua gama de electrodomésticos «Bosch» e «Blaupunkt» (Ponto Azul), os Estabelecimentos Nogueira, de Jorge P. Nogueira.

Todos os pedidos de assistência poderão ser comunicados nestes estabelecimentos.

Cantinho de S. Brás...

De novo, pegando o fio à meada

N O «Cantinho» que escrevi anunciando que entrava em férias, tive o delirado propósito de prorrogá-las indefinidamente. Razões? Faltadas talvez nenhuma. Mas não deixei de fazer um «lavagem» ao cérebro, e, em consequência, cheguei à conclusão de que seria tolice da minha parte dar ouvidos a meia-dúzia de detractores irresponsáveis que costumam lançar baldezinhas de ingredientes venenosos com a intenção de desmoralizar os articulistas que trabalham única e simplesmente com um fio: engrandecer a terra que é seu berço.

Reconheço que o «Cantinho» tem audiência, descobrindo a careca de amigos, conhecidos (e boas contas...), profanando a intimidade de certas vidas privadas que merecem todo o respeito e consideração. Mas, digam-me cá: o seu intuito não terá atenuantes? Ele pretende arejar o ambiente com rajadas de optimismo e boa disposição, sem intuito de ofender seja quem for. Não bastaria os graves problemas que nos afligem, e não são poucos infelizmente? Porém, nem todos compreendem, ou desejam compreender, as nossas intenções, neste isolamento e pequenez da vida local alheia aos grandes acontecimentos da vida exterior. Mas, digo-vos, o alheamento não é geral. Entendeis?

Assim, vou retomar de livre vontade, uma rubrica que criou, quer queiram quer não queiram, os seus adeptos e simpatizantes, muito especialmente aqueles que se encontram longe do torrão, pese embora aos meus cinco ou seis contestadores, que não há meio de se conformarem em dar a mão à palmatória. Peço desculpa a essa minoria, mas, no demorado exame que fiz envolvendo as profundezas da consciência, creio que fiquei aprovado para prosseguir na mesma linha de orientação, sem que me fira qualquer remorso. Esta secção onde se evoca semanalmente a nossa terra em letras destacadas, embora não seja cem por cento feliz em tudo que dá à estampa (o que é isso da perfeição humana!) procura sê-lo. E só o facto de ter no seu frontispício «Cantinho de S. Brás...» deveria ser motivo para considerar-se o duo que tem a caridade de ventilar os seus problemas, com resignada paciência. Nem sempre será brilhante e concisa, mas bem intencionada, é, não tenham dúvida. Mal alinhavada, simples ou pretensiosa, há uma agradável fatiagem de são-brasenses, especialmente os que procuram o pão longe das fronteiras nacionais, que nos têm confessado a sua simpatia pelo Jornal do Algarve, que dá guarida ao signatário.

Se por qualquer motivo imprevisto, falta, apesar da sua regularidade, sofrem um dissabor, ficando de beicinho e inconformados. Para a grande maioria de são-brasenses, apenas conta o «Cantinho», apesar da excelente equipa de colaboradores do «Times do Sul»! Creio que será um tanto exagerada a versão dos meus informadores, produto do seu bairrismo. No entanto, eles sabem os sacrifícios que nós fazemos para lhes oferecer regularmente os ecos da nossa terra, e os dissabores que nos martirizam! O são-brasense, habituado a uma paz podre, deixando-se com as gálibas e erguendo-se ao romper da alva, dedica-se de alma e coração ao trabalho. De maneira que esta rotina não forja acontecimentos de especial interesse jornalístico, claro. Se não fossem os mosaicos dos costumes tradicionais que ainda se cultivam, as crónicas sobre a nossa terra já teriam dado em «frustrar». Por mais subtil e sapiente que seja a musa que nos assiste, quando o material se esgota como no mercado negro, é o diabo.

Assim, permitam-me, caros amigos, uma saudação especial a vocês, repleta de fraternidade. Juro-vos que o «Cantinho» continuará nos mesmos carnis, e particularmente o estômago com as suas rajadas ciclónicas; se, por absurda incongruência, se temos como recompensa os efeitos negativos da sua expansão (não obstante a luta titânica que temos travado para mudar o rumo dos acontecimentos) prometem-vos que esse problema de interesse impar para o concelho, vai ser da novo o cenário da nossa luta, até que o parente pobre se coloque em igualdade com os familiares...

Enquanto se fizer ouvidos moucos aos justos anseios de uma terra directamente envolvida nas coordenadas do turismo algarvio e tão levemente posta de parte, ninguém terá coragem moral de pretender travar os objectivos e a equidade da nossa santa missão. Temos a consciência de que é o único caminho a trilhar, a favor de um concelho abandonado, cumprindo a sua sina sem que se olhe por ele com o carinho que merece.

Senté-se um enorme vazio em S. Brás de Alportel. Num «bodo» abundantisimo e generoso, ficar à porta como pedinte indesejável, sem uma «esmola» para uns fundinhos, é uma afronta à sua dignidade. Quem serão os responsáveis de tão inoportuna e infeliz atitude? Incrível, mas verdadeiro!

F. Clara Neves

TINTAS «EXCELSIOR»

IMAAL MÁRMORES

Oferecemos a beleza da Natureza...

- Mármore em medidas standardizadas para entrega imediata
- Todos os trabalhos para a construção civil
- Objectos decorativos em mármore

IMAAL — Indústria de Mármore do Algarve, S.A.R.L.
Fábrica e Escritórios em Sargaçal — Lagos
Telefones 284 - 299 - 480
Telex 1744

Conversas das sextas-feiras no Círculo Cultural do Algarve

Na penúltima sexta-feira, o assunto da conversa no Círculo Cultural do Algarve, em Faro, foi Bernard Shaw e dissertou sobre este escritor um dos fundadores daquela agremiação, o reitor do Liceu, dr. Joaquim Magalhães. Estava também presente um outro fundador que ao Círculo tem dado sempre activa colaboração, o dr. Aleixo da Cunha. Compareceram também muitos sócios antigos e senhoras. Entre os novos, muitos dos habituais nas sessões. O conferente referiu-se à biografia do «self-made man» e às anedotas à volta dele, tendo depois, ao referir-se à sua obra, salientado que ele pregava mais o mundo das ideias que o sentimentalismo. Que as suas sátiras eram só à ignorância e à estupidez e que a simpatia humana era sem limites. Na conversa que se seguiu participou sobretudo o professor Castro Monteiro que fez notar que os romances de Shaw eram a sua parte fraca.

Vários dos assistentes referiram-se a «Pigmalião» e o conferente finalizou dizendo que os ensaios eram porventura a parte mais importante da obra de Shaw.

JORNAL DO ALGARVE N.º 713 — 21-11-1970

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

2.ª PUBLICAÇÃO

Faz-se público que nos autos de Acção Especial — Justificação Judicial — que o Digno Agente do Ministério Público nesta comarca e em representação da Câmara Municipal de Castro Marim move contra INCERTOS, são citados os interessados incertos para contestarem, querendo, apresentando a defesa no prazo de DEZ DIAS que começa a correr depois de finda a dilação de TRINTA DIAS, contada da data da segunda publicação deste anúncio. Naquela acção o pedido consiste em que aquela Câmara seja considerada proprietária de UMA PARCELA DE TERRENO com a área de 100 000 m2, impróprio para culturas, denominado Sopal de São Sebastião, destinada a construções urbanas, em Castro Marim, que tem servido de desafogo aos seus habitantes, que confronta do Norte com Francisco Fonseca Franco e Outros, Nascente com a Estrada Nacional, Sul com Maria da Glória e Molarinho Jacinto Franco e Outros e Poente com Caminho Municipal e outros e terrenos municipais.

Vila Real de Santo António, 24 de Outubro de 1970.

O Escrivão de Direito,

a) João Luís Madalena Sanches

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

a) Manuel Nuno de Sequeira Sampaio da Nóvoa

Vende-se Casa

Em Faro para nova construção. Excelente localização. Motivo retirada do Algarve. Resposta pelo telef. 42351 — S. Brás de Alportel.

QUEM BEBE VINHOS
ARRUDA
NÃO MUDA

Produzidos pela: ADEGA COOPERATIVA DE ARRUDA DOS VINHOS

exija-os sempre à sua mesa
em casa, no bar ou no restaurante

TINTO • BRANCO • RUBI

Um produto da rede distribuidora
DEPOSITOS — FARO telef. 23669-TAVIRA telef. 284 — LAGOS telef. 267
PORTIMÃO telef. 148 — ALMANCEL. telef. 34 — MESSINES telef. 8 e 89

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
ESTABELECIMENTOS TÊCULO FONTANES NETO S.A. S. BRÁS DE ALGARVE — PORTIMÃO

CORREIO de LAGOS

O HOMEM DO SOBRETUDO CARO VOLTA A DAR QUE FALAR

Um periódico que em Lisboa vê a luz do dia e não pouca se que por vaidade ou egoísmo vão cavando a ruína dos que pelo trabalho honrado são ainda o sustentáculo de todos, volta a ocupar-se do homem do sobretudo caro. Desta vez refere o periódico que o «nababo» do «sobretudo de ouro», além da coleção de cinco automóveis de luxo, tem igualmente um iate a motor de 18 mil contos. E cita este caso por ser senhor de uma tipografia, onde trabalham cerca de 50 operários pagos medianamente, e em condições de salubridade deploráveis.

Penaliza-nos o relato, que vai além do que fica, por ligarmos o homem do sobretudo a um filho de Lagos, inteligente, é certo, mas que vive alheio aos problemas de pessoas de família que o ajudaram a singrar na vida, se não com fundos para ir mais além, pelo menos com pão, quando seus pais abastecidos com as suas diabruras de rapaz o enfeitavam do lar.

JURAMENTO DE BANDEIRA

No dia 13 decorreu no quartel de S. Gonçalo o juramento de bandeira dos recrutados do 2.º subgrupo da B. P. 70. Como nos últimos juramentos de bandeira, apesar da presença do sr. director geral de Transportes, não houve algo que nos demonstrasse a pericia de condução ou de aptidões para o desempenho do serviço militar. Uma alocação pelo sr. aspirante Coelho Alves, sobre os cuidados em que importa a conservação e condução de uma viatura, reforçada pelo sr. comandante, tenente-coronel Forte Faria, algum público, em parte alheio ao respeito pela bandeira nacional, pois infelizmente notámos quem não se descobrisse durante a continência ao símbolo da Pátria, foram as notas que registámos.

A ASSISTENCIA MEDICA NO ALGARVE

Vimos um escrito da autoria de um filho humilde de Lagos, sob o título das presentes linhas, que pelas verdadeiras que encerra, merece ser divulgado. A certa altura lê-se: «Há poucos médicos? Dêem-se bolsas de estudo aos jovens sem recursos, mas com capacidade a aproveitar, fazendo-os frequentar, graciosamente, as aulas de Medicina, para que os nossos hospitais de lés-a-lés do País, possam ficar defendidos por médicos e enfermeiros, enchendo os doentes de inteira confiança. Como se combate a tuberculose? Eis uma pergunta do inquirido a que darei uma resposta talvez diferente da dos médicos... A tuberculose combate-se combatendo principalmente a fonte geradora do mal. A alimentação imprópria. Se alguém pensar destruir ape-

nas os mosquitos gerados numa estagnada fossa, deixando-a em permanente desenvolvimento, evidentemente que ela gerará sempre mosquitos. Se destruímos a fossa, ela deixará de gerar tais insectos. Assim acontece com a tuberculose: se combatendo o mal nos doentes, desprezarmos a causa, surgirão mais doentes. Se atacarmos também a fonte geradora do mal, destruindo-a, então a tuberculose deixará de existir na Humanidade. Acudir apenas aos doentes, deixando os que ainda não tombaram abandonados, é deplorável inconsciência.»

Acerca do cancro, muito diz o articulista, que julgamos de ser apreciado por quem de direito, no sentido de nos convencerem que a assistência no nosso Algarve está muito longe de satisfazer, cavando-se assim uma situação de desprestígio que atinge algarvios e não algarvios, porque Algarve é Portugal, e uma vez o Algarve desprestigiado, todos os portugueses serão desprestigiados.

QUEM SERÁ O NOVO DIRECTOR DOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS?

Passou recentemente a situação de aposentado o lacobrigense sr. Joaquim Correia Valarinho que durante 43 anos exerceu o cargo de director dos Serviços Municipalizados. A sua falta vai fazer-se sentir, porque a assiduidade e dedicação pelos serviços a seu cargo foi bem comprovada perante situações difíceis que se depararam num meio como Lagos, onde a incompreensão reina, visto todos quererem ser servidos sem atenção na grande parte dos casos, pelos que servem. Vivendo para o desempenho do seu cargo e contacto com a Natureza, tendo que abandonar o Porto do Mós pelo facto de o seu senhorio necessitar da casa que ocupa, irá fixar residência no concelho de Vila do Bispo, praticamente isolado, dedicando-se a contemplação do verdadeliramente belo, cultivando decerto plantas e criando aves.

Joaquim de Sousa Piscarreta

Aos Contribuintes

Contabilista-Técnico de Contas inscrito na Direcção G. C. e Impostos, com 18 anos de prática, tem organizado e executado escritas comerciais e industriais (incluindo hoteleira) em diferentes explorações. Sistemas modernos, leis fiscais e de trabalho, esclarecimentos úteis a todos e consultas grátis. Oferece-se em part time ou full time, para o Algarve.

Resposta a este jornal ao n.º 13 596.

Mecânico de Tractores PRECISA-SE

Com muita experiência e competente para dirigir pessoal de oficina. Dão-se muito boas condições. Guarda-se sigilo se estiver empregado. Resposta ao n.º 13623 deste jornal.

1944 1970



FILIAL DE TAVIRA

25.º aniversário

TAVIRA

Há 25 anos, em 22 de Novembro de 1944 foi inaugurada a dependência do Banco Nacional Ultramarino em TAVIRA.

É com grande prazer que o B.N.U. assinala a data.

25 anos de serviços prestados à economia da região.



BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
o Banco do Povo ao serviço de Portugal

Apartamento Novo

Vende-se na Praia de Armação de Pêra na Rua do Alentejo. Resposta a José E. Pereira—telefone 55155 Armação de Pêra.

Ainda não começam em 1971 as obras de saneamento de Aljezur

(Conclusão da 1.ª página)

rede de esgotos em Aljezur, o abastecimento de água às populações mais carenciadas, torna-se particularmente difícil estabelecer um plano de prioridade de execução e assim, para se poder fazer alguma coisa, opta-se pelos melhoramentos a que normalmente o Estado concede maior percentagem de comparticipação.

Dar-se-á assim prioridade à construção do caminho 1 003-1 (de Montes Galegos à praia da Arrifana), no prosseguimento dos trabalhos de macadame e revestimento betuminoso, até onde o subsídio do Estado e as possibilidades da Câmara o permitirem; procurar-se-á conseguir a necessária comparticipação para o prolongamento da terraplenagem do caminho municipal 1 002, para a Zambujeira de Baixo, e para a reparação e beneficiação do ramal que liga Odeceixe à E. N. 120, bem como para o prolongamento do macadame ou revestimento betuminoso do existente, do caminho municipal para a Vilarinha; procurar-se-á também dar execução aos trabalhos de ampliação do cemitério municipal, que já muito dificilmente comporta o normal movimento obituario da freguesia.

No que respeita ao abastecimento de água, nada a Câmara pode prometer concretamente por carência dos respectivos elementos-base, embora já se afigure viável, mesmo sujeito a inevitáveis e prolongadas demoras.

Também não pode ser ainda considerado o desejado saneamento de Aljezur, nem a construção de uma retrete no sítio da Igreja Nova, mas o custo elevado da obra, da ordem dos 2 000 contos, com uma comparticipação que não iria além de 1 000 contos, obrigou a adiar

Importante reunião agro-técnica em Faro

Na sala de sessões da Junta Distrital de Faro e sob a presidência do inspector Murteira Corado, decorreu uma reunião de alto interesse para a agricultura, mormente para a citricultura. Participaram os membros do Conselho Regional de Agricultura, a Comissão Técnica Regional, técnicos, agricultores, etc e foram abordados os temas «A toxilogia dos pesticidas e em especial dos que são aplicados em citricultura» e «As doenças dos citrinos, especialmente viroses».

A exposição destes temas foi feita pelos engs. agrónomos Seabra e Silva Fernandes, do Laboratório de Fitofarmacologia, e Rosa Azevedo, chefe de repartição dos Serviços Fitopatológicos da Direcção Geral de Agricultura.

Seguiu-se animado debate sobre os temas expostos.

Vai ser declarada «guerra» aos mosquitos no Algarve

No Governo Civil de Faro têm vindo a decorrer reuniões com vista à elaboração do plano de actividade e bases do orçamento da Comissão Regional de Turismo do Algarve, para 1971. As reuniões são presididas pelo dr. Pearce de Azevedo, presidente daquele organismo, a elas assistindo o eng. Ollias Maldonado, administrador-delegado e os vogais da comissão executiva srs. major Vieira Branco e Celestino Matos Domingues.

Participaram nos trabalhos os presidentes dos Municípios ou seus delegados à C. R. T. A., comandantes dos portos, presidentes e engenheiros-directores das Juntas dos Portos, director da Hidráulica do Guadiana e outras individualidades. As sessões de trabalho ocuparam três dias, votando-se particular interesse não apenas ao plano de actividade e bases orçamentais, como a outros assuntos de grande interesse para o turismo algarvio. Assim, foi estudado o caso da irradiação dos mosquitos, através de duas acções distintas. Neste assunto revelaram-se de especial interesse as intervenções dos drs. Levy Guimarães, delegado de Saúde e Correia, director do Posto Anti-Seasonático de Loulé. A primeira acção consistirá numa «operação-choque», com a colaboração de uma empresa privada, tendo em vista o ataque aos pontos de maior incidência dos mosquitos. Seguir-se-á uma acção em profundidade, através de campanha de mentalização do público e relativamente a problemas de higiene.

Também o problema de limpeza das praias e sua conservação foi alvo de demorada troca de impressões.

mais uma vez estes melhoramentos para a primeira oportunidade.

São as seguintes, com a respectiva dotação, as obras de realização prevista pelo Município para 1971:

Construção do caminho municipal 1 003-1, do caminho municipal 1 003 em Montes Galegos ao caminho municipal 1 004 em Arrifana, 2.ª fase, 44 710\$00; idem do caminho municipal 1 003-1, do caminho municipal 1 003 em Montes Galegos ao caminho municipal 1 004 em Arrifana, 3.ª fase, 163 000\$00; construção do caminho municipal 1 003-1 do caminho municipal 1 003 em Montes Galegos ao caminho municipal 1 004 em Arrifana, 4.ª fase, 100 000\$00; caminho municipal 1 002, lançamento do Descampadinho ao Pontão sobre a Ribeira da Azenha, 5.ª fase, 44 600\$00; reparação de ruas, caminhos e edifícios municipais e subsídio para obras às Juntas de Freguesia, 9 000\$00.



Servir e criticar

INSERIU há dias o «Diário do Governo» o documento em que exonera, a seu pedido, o sr. Alfredo Timóteo Ferro Galvão, das funções de presidente da Câmara Municipal de Olhão. Para o substituir nomeia o sr. eng. João Deodato Neto Caboz, que vinha exercendo idêntico cargo no Município de Portimão. Atinge-se assim o final daquilo a que se vinha já chamando a «crise presidencial», pois que há 4 meses o presidente cessante pedira escusa das funções.

O caso presta-se a que em seu redor se tenham alguns comentários e reflexões. Dia a dia se torna mais difícil encontrar quem, dotado de condições, queira arcar com as difíceis missões do comando. A administração pública é cada vez mais complexa e exigindo gente que, dotada duma polivalência de recursos, se entregue como numa doação total. Mas em contrapartida a compensação monetária é irrisória, comparativamente com a das empresas privadas e o indivíduo-chefe está no centro, sendo alvo de todas as críticas (se bastas vezes certas e oportunas, não menos vezes nimbadas por questões pessoais ou vindo do famigerado criticismo dos cafés).

Para já o assunto foi resolvido, sucedendo na presidência a um oihanense, outro natural deste concelho, nascido na freguesia de Moncarapacho.

Serviu o sr. Ferro Galvão os interesses de Olhão e seu termo com um acrisolado testemunho de querer, que ninguém ousa contestar. Raras vezes se pode, como agora, dizer: foi um presidente-funcionário, e isto porque se votou na íntegra ao cumprimento dos deveres inerentes ao cargo. Lutou com estoicismo, procurando fazer progredir o concelho. Sai, pode bem dizer-se, com verticalidade e de cabeça erguida.

Um novo presidente vai ocupar funções. Da justa objectividade dos seus propósitos ninguém duvida. Tem experiência do «incómodo» lugar e vem dum concelho onde os problemas eram muitos, também. O que se deseja afinal? Que o eng. Neto Caboz conheça o clima de compreensão e de colaboração, sem o qual, nem os génios podem fazer obra válida. E essa compreensão e colaboração que, a bem do concelho, a todos deve ser exigida.

Maria Armada

O voo das aves

Nos arredores da Castro Marim, foram encontradas pelo sr. Jaime Samúdio Nogueira, residente naquela vila, duas aves portadoras de anilhas com as seguintes inscrições: «Bruxelas 4 Minsenn A 352590» e «J. 148944 Mns. Zheli — Finlands».

Mecânico

De frigoríficos e congeladores, com carro próprio, encarrega-se de serviços de especialidade, garantindo completa assistência. Dirigir à Rua Domingos Gueiro, 15, Telef. 22694 — FARO.

Terá chegado a hora de Monte Gordo?

(Conclusão da 1.ª página)

aprovado, encontrando-se também programada a construção de um outro com 198 quartos, para 5 estrelas, da empresa Comundo. As cadeias hoteleiras americanas Holiday Inn, Sheraton e Marriot Hot-Shoppers, encontram-se também interessadas na construção de três hotéis de luxo com a capacidade mínima de 250 quartos cada um.

Estão, ainda, previstos um campo de golfe, de 18 buracos, um aeródromo e um porto de barcos de recreio (marinha).

Por outro lado, e na própria praia, o Hotel dos Navegadores, beneficiará de uma ampliação de 64 para 220 quartos, ficando classificada com 3 estrelas. Terá uma piscina coberta, com água quente, e uma outra piscina ao ar livre, «boite» e pistas de «bowling». Também o Hotel Monte Gordo, aumentará a sua capacidade para 100 quartos, enquanto o Hotel Vasco da

A Fundação Ricardo Espírito Santo vai fazer o projecto da decoração para o Teatro Lethes

Estiveram em Faro os srs. dr. Guilherme Possollo, administrador-delegado da Fundação Ricardo Espírito Santo, e arq. Pinto Leite, da mesma instituição, que visitaram demoradamente as obras em curso no Teatro Lethes, com vista à recolha de elementos para a elaboração do projecto de decoração.

Esta contribuição, que é gratuita, fica a dever-se à simpatia e amabilidade do sr. dr. Manuel Espírito Santo, que prontamente concedeu à direcção da Delegação de Faro da Cruz Vermelha Portuguesa todas as facilidades que estivessem ao alcance daquela prestigiosa Fundação.

Armazém em Olhão

Junto à doca de pesca, acabado de construir, boa área — ALUGA-SE. Informa: telefone 72173.

Gama, construirá 130 novos quartos e o Hotel Catavento projecta um aumento de mais 40 quartos.

Alicerçam-se estes projectos nas certezas representadas pela óptima localização de Monte Gordo, não só relativamente ao Atlântico como na vizinhança com a Espanha; na anunciada construção da ponte sobre o Guadiana, entre Vila Real de Santo António (a 3 quilómetros de Monte Gordo) e Alamoite, concitando para a excelente praia a atenção dos espanhóis e dos muitos não-espanhóis que se espalham pela faixa costeira do vizinho país; na também anunciada construção da nova barra do Guadiana, a permitir a entrada no porto vila-realense de barcos de cruzeiro e turismo, de pequeno e grande porte; e na hipótese de caber a Monte Gordo um dos dois casinos superiormente previstos para o Algarve, possibilidade que se aceita na medida da crescente projecção internacional da bela praia e no eventual interesse de se manter equitativa distribuição de valores em relação ao Barlavento e ao Sotavento algarvios.

Irá, de facto, chegar a hora de progresso que para Monte Gordo se espera e deseja?

Alunos do Liceu Nacional de Faro distinguidos com o Prémio «Coronel Brandeiro»

A Junta Distrital de Faro distribuiu anualmente o prémio escolar «Coronel Brandeiro». Trata-se de um legado que por vontade do testamenteiro, natural de Faro, se destina a galardoar os melhores alunos finalistas do Liceu e da Escola Técnica, que obtêm uma classificação mínima de 14 valores.

Este ano não houve contemplados em relação ao ensino técnico. Do Liceu foram distinguidos, cada um com 1 375\$, os seguintes alunos que concluíram o 7.º ano: João Rocheta Cassiano, José Filipe Madeira, Joaquim Brito da Mana e António Ponte Estrela.

Trespasa-se

Óptimo estabelecimento para restaurante ou café, ou outro ramo de negócio, próximo da baixa, Rua Infante D. Henrique, 42 — FARO.

DE TUDO PARA TODOS

A QUADRA DE HOJE

Sempre mais! jurei um dia. Nessa sede de ascensão... Nem reparei que perdia Toda a paz do coração.

Aida Cunha e Silva

PERFUME PARA OS MORTOS

O uso dos perfumes vem dos tempos mais antigos e parece que era inicialmente reservado às cerimónias religiosas e ao culto dos mortos. No Egipto, a indústria dos perfumes tinha grande importância, e Alexandria era um centro afamado pelos seus unguentos e tinturas. A moda dos perfumes passou, em seguida, à Grécia, e daí a Roma, por intermédio dos fenícios. O emprego das diferentes essências generalizou-se no tempo das Cruzadas, pois as peles perfumadas, trazidas do Oriente, eram empregadas na confecção do vestuário e especialmente de luvas, o que explica que o monopólio dos perfumes tivesse sido concedido, primeiramente, aos luveiros, no século XII.

COMO ELES PENSAVAM

Não há no Mundo alegria sem sobressalto. Não há concórdia sem discussão. Não há descanso sem trabalho. Não há riqueza sem miséria. Não há dignidade sem perigo. Finalmente, não há gosto sem desgosto. — (Frei Heitor Pinto).

* Podem dar-se conselhos o que não se pode dar é o bom senso, necessário para aproveitá-los. — (La Rochefoucauld).

* Pode definir-se a caridade: um raptio de alma que nos leva ao gozo de Deus, de nós mesmos e do próximo por amor de Deus. — (Santo Agostinho).

* Não tenho vergonha de confessar: que ignoro aquilo que não sei. — (Cícero).

O DOCE NUNCA AMARGOU

Bolo inglês (receita antiga) — 300 gramas de farinha de trigo de 1.ª qualidade; 350 gramas de açúcar escuro; 350 gramas de manteiga; 150 gramas de corint; 150 gramas de cidrão cortado aos bocadinhos; 150 gramas de ginjas cristalizadas

cortadas ao meio; 150 gramas de sultanas; 4 ovos inteiros; 1 colher (das de sopa) de vinho do Porto.

Bate-se a manteiga até ficar um creme, depois junta-se-lhe o açúcar, as gemas, o vinho, a farinha, as frutas e por fim as claras batidas em castelo. Depois de todos os ingredientes estarem juntos, bate-se mais 10 minutos muito bem a massa. Unta-se uma forma lisa, de manteiga, deita-se a massa para dentro e vai para o forno esperto. Quando o bolo começar a cozer, cobre-se por cima, com nozes aos bocados. Quando pronto, tira-se da forma, e põe-se por cima açúcar branco.

Não esquecer de lhe pôr uma colher (das de chá) bem cheia de fermento inglês.

TAMBEM NA COZINHA SE

PODE SER ARTISTA

Isca com elas — Quinhentos gramas de fígado; cem gramas de baço; duas colheres de banha e quinhentos gramas de batatas cozidas.

Limp-se o fígado das peles e corta-se em filetes muito finos que se temperam com alhos esmagados, sal, pimenta, cominhos, um copo de vinho branco e uma colher de vinagre. Conserva-se nesta marinada durante duas horas, pelo menos. Põe-se depois ao lume uma frigideira com a banha na qual se fritam os filetes de fígado sem o molho da marinada. Raspa-se a polpa do baço e junta-se à marinada, desfazendo-o muito bem. Leva-se ao lume só o tempo necessário para engrossar e cozer. Deita-se tudo sobre as batatas cozidas e cortadas em rodelas finas. Serve-se bem quente.

E AGORA NÃO RIA!

O director teve um riquíssimo almoço. De muito bom humor voltou para o escritório e para agradar aos empregados começou a contar algumas anedotas. Toda a gente ria ruidosamente com excepção de uma jovem dactilógrafa.

— E você? perguntou o director. Não tem o sentido do humor ou não acha graça às minhas anedotas? — Não tenho necessidade de rir, respondeu a rapariga, gravemente. Vou-me embora no fim do mês.

A DESPEDIDA DA TIA ROSINDA

por Varela Pires

Na mesma casa, de um único piso, a porta estava entreaberta. Os meus passos ecoavam soturnos nos degraus de pinho carcomido. Um cheiro intenso a pobreza.

Bati, timidamente, com os nós dos dedos à porta do quarto. Silêncio pesado e lúgubre! De dentro, uma voz muito sumida convidava a penetrar. Empurrei a porta. Os gozcos gemeram. E relanceei na semiobscuridade um olhar inquiridor. Dirigi-me à janela, abrindo os postigos. A luz precipitou-se para dentro. As paredes, desuntadas dum azul sujo, repassado. Uns trastes usados e sem brilho.

Enrolada numas mantas, num pequeno divã de madeira, jazia a tia Rosinda, olhos fundos, escondidos nas faces ossudas, cabelos, desalinhados, olheiras profundas e braços caídos ao longo do corpo.

Fiz-me com um olhar cheio de admiração e perplexidade. Reconheci-a. Uma pálida imagem do que fora! Balbuciei um débil «obrigadas». Vivia da caridade dos vizinhos. Ninguém a visitava. Todos a tinham esquecido. Todos aqueles que, como eu, a tinham conhecido ao portão da escola vendendo pinhão e amendoim torrado, rebuçados, bolos e trecoços.

Recordei esse tempo. Ela era uma mulher quarentona que, todos os dias — mais assídua no seu posto do que nós, as aulas — se apresentava à petizada com uma alfofa de amendoim e um tabuleiro de doces.

A tia Rosinda era figura familiar a todos nós. Parecia-me que acompanhava os estudos daqueles rapazes que, de sacola ao ombro, se preparavam para a vida. Durante sucessivas gerações, via-a, ainda, a vender pinhão torrado e bolos. Tratava-nos a todos pelo nome.

Enviara muito cedo e não tinha filhos. Condeceu-me a situação em que se encontrava. A miséria e um cancro que a minava tinham-na reduzido àquela estado. Por isso ia visitá-la.

Prendia-me as mãos nas suas. Queria sentir junto de si um amparo. As lágrimas corriam-lhe pelas faces envelhecidas prematuramente, indo afogar-se na gola do vestido. O mesmo olhar

carinhoso de outrora. Uma expressão de simpatia e consolação. Faldões de muita coisa. Dei-lhe muitas esperanças de vida, mas ela presentia a morte iminente.

A despedida, erguendo os dedos finos e esqueléticos, fez-me adeus. Chorava. A mim, parecia-me que sorria, como na minha infância, seguindo com interesse as minhas brincadeiras...

Dor, Saudade... Numa noite de solidão e sofrimento, aquele corpo já tão mirrado, esfriou; a alma deixou-o, após uma vida de trabalho e de miséria, sempre lidando com crianças.

Amalgamada pelo muito sofrer, a tia Rosinda também se tornara uma criança.

Vida rotária

Realizou-se na terça-feira, no Hotel Eva, a reunião semanal do Rotary Club de Faro, presidida pelo sr. Fernando Costa e secretariada pelo sr. Luciano Seromenho. No protocolo, o sr. dr. Rocheta Cassiano saudou o rotário canadiano Michael Cutsey, do R. C. de London e o convidado sr. José Amaro, jornalista de «A Capital» e um dos responsáveis pela rubrica «A Capital do Sul». Da leitura do expediente destacou-se uma carta do Rotary Club de West Edmonton (Canadá), que solicitava informações sobre a capital algarvia para serem divulgadas naquele clube, esclarecendo que a preferência tinha como base o facto de existir naquele país uma zona denominada Faro, cujo «mayor» é irmão de um rotário do mesmo clube.

No período de actualidades e comunicações usaram da palavra os srs. dr. Rocheta Cassiano, eng. Fernando Mendonça, dr. Eduardo Mansinho, dr. Leonel Agostinho, eng. Tito Olívio, Hélder do Carmo e o convidado, destacando-se a intervenção do primeiro, que comunicou ter sido descoberta a vacina contra a leucemia que, no seu entender, era a porta aberta para a ansiada descoberta da cura do cancro.

Após encerrar a sessão, o presidente anunciou que a próxima reunião, marcada para 1.º de Dezembro, será antecipada para 28 deste mês, tendo a assistência de senhoras e uma palestra do sr. dr. Justino Ramos sobre «Transplantações».

Agenda do contribuinte

MÊS DE DEZEMBRO

IMPOSTO COMPLEMENTAR — Secção B-1969 — Este imposto deverá ser pago durante o mês de Dezembro do ano seguinte àquele a que respeita.

Não sendo pago no mês do vencimento, começarão a correr juros de mora.

Passados 60 dias sobre o vencimento do imposto sem que tenha sido feito o respectivo pagamento, haverá procedimento executivo.

Aos Senhores Agricultores e horticultores

Estrume de cavalos

1.ª QUALIDADE

Vende-se a 80\$00 o m3

Trata: O Cavalto Preto

TELE. 65254

Forte Novo — Quarteira

MINIALFA — 1 E 2

A ELECTROBOMBA QUE MAIS SE VENDE EM PORTUGAL «SOALFA», a mais completa gama de Electrobombas
Electrobombas para água sob pressão
Electrobombas para vinho e líquidos especiais
MOTORES ELÉCTRICOS PARA TODAS AS INDÚSTRIAS
Roboingens — Balastros
IREL—Rua de S. Mamede (ao Caldas) 30 G—LISBOA

O ALGARVE pode bem com tudo...

(Conclusão da 1.ª página)

dica, enfatiada dos frios e nevoeiros da sua pátria.

Se não fosse o Algarve, a «menina 3 milhões», não teria empreendido a sua viagem que, por sorte do destino lhe dará a conhecer outras regiões que não a tentaram nem lhe despertaram qualquer cobiça. Mas... o Algarve é tão lindo e tão atraente que talvez ela ainda se retire com pena de não ter visto tudo, nem gozado as duas semanas de férias no calor da província mais temperada do País, enquanto a desvia para outras regiões mais parecidas com as da sua terra, e, por isso mesmo, menos desejadas. Felizmente que este encurtamento de tempo a obrigará a viajar de uma para outra região, por via aérea, pois de contrário levaria para a sua agência de viagens a ideia triste de uma enfadonha viagem de comboio ou automóvel com a inevitável conclusão: «É bonito, mas custa muito a lá chegar».

Muitos dos que se empenham em denegrir o Algarve, servem-se de todos os meios e argumentos, aproveitando em geral o lugar comum consagrado de que a vida aqui é impossível, de que tudo custa os olhos da cara, não se lembrando de que se isso sucede muitas vezes é porque as primícias da fruta algarvia e o mais saboroso do seu peixe, marcham para a capital, onde são vendidos ainda mais caros que no Algarve.

E não sei se já repararam que — coincidência ou não — quando o Algarve regista alguma inauguração ou algum festival de renome, aparece sempre uma brigada a descobrir graves abusos e a multar os transgressores que venderam uma cerveja ou um par de torradas por mais da conta. Mas quando o rápido do Algarve traz duas ou três horas de atraso, levando 10 horas a fazer um trajecto que devia ser feito em 7, ninguém diz nada e até, possivelmente, acharão bem.

Final, para nós, o Algarve tem muitos restaurantes e boas casas onde se come excelentemente e em conta. E, se vamos a falar em vida cara, ainda poderemos argumentar que, em qualquer ponto onde haja

menos fartura, também haverá preços mais elevados, pois aqui, no Algarve, ainda se compra muita coisa em primeira mão, isto é, livre de intermediários.

Ainda no domingo do Farense-Benfica, vimos muitos excursionistas a comprarem figos, amêndoas e laranjas e a fazerem comparações com os preços por que estes artigos se vendem em Lisboa e que poderemos considerar proibitivos. Houve até quem, tendo esgotado o «stock» de figos, foi buscar num carro de mão, várias das composições de figo — galinhas e peixes — que pôs em exposição junto das camionetas e foram avidamente disputados pelos passageiros. Mas, no fim, continuamos a acentuar que os mais prejudicados com a obstrução sistemática e discriminadamente feita ao Algarve, vem na realidade, dos seus detractores.

Se esta Província tivesse boas ligações rodo e ferroviárias com o centro e norte do País, não nos restaria dúvida de que os beneficiados seriam os outros centros do País. O Algarve representa hoje na recepção turística a mais importante porta de entrada do território metropolitano, não só mercê das suas virtualidades turísticas mas da moderna e excelente rede hoteleira que oferece aos seus visitantes.

Se amanhã se construir a projectada ponte sobre o Guadiana, esta porta de entrada assumirá, no contexto turístico do País a sua maior projecção e então será talvez tarde para recuperar o tempo perdido.

R. P.

Pontes Eusébio

Médico especialista

Ouvidos, Nariz e Garganta

Consultas diárias depois das 15 horas

Cons.—Rua de Santo António n.º 68—1.º Dio.

Telef. 23133

Res.—Av. de Olivença, 97-5.º Esq.

FARO

Traineira Casamento

Vende-se uma traineira matriculada no porto da Figueira da Foz, com o comprimento de 20,95 metros, apetrechada com óptimo motor Cummins de 290 H. P. 12 cil., 1 800 r. p. m., sonda, rádio, tel., guincho, redes de nylon com 520 metros de comprimento por 120 metros de altura, Boca 4,92 metros, Pontal 1,47 metros, tonelagem 34,36 e 2 chalandras, sendo uma com motor.

As propostas devem ser dirigidas à Avenida Saraiva de Carvalho, 146 — Figueira da Foz.

Preço 950 contos. Entrega imediata.

Emigrante português a residir há 1 ano no Norte de França, deseja corresponder-se com senhora solteira dos 25 aos 40 anos para fins matrimoniais. Assunto sério. Caso interesse às correspondentes este anúncio deverão escrever para a seguinte morada:

Rodrigues Fernando — Bloc G — Rue des Platanes, 48 — Hautmont Nord — France.

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve.

Terrenos para Construções

Prédios de Rendimento e Andares

Em nova urbanização, servido por transportes colectivos, com grande futuro.

VENDEM BARATO: J. PEREIRA JOR. E J. S. CARRUSCA Estrada da Penha FARO

FIOS PARA TRICOT

A. NETO RAPOSO, LDA.

Minha senhora, se deseja adquirir FIOS PARA TRICOTAR EM Lã, FIBRAS ACRILICAS, FANTASIAS E ALGODÕES, temos preços e qualidades especiais para SI.

ROBILON a fibra que se impõe, pelas suas cores e qualidades. PEÇA AMOSTRAS, se as não tiver ainda, à Casa!

A. NETO RAPOSO, LDA. (FABRICANTES)

Praça dos Restauradores, 13-1.º Dto. (junto ao Metro) — Telefone 326501 — LISBOA

Cartório Notarial de Lagoa

A cargo da Notária Catarina Maria de Sousa Valente

JUSTIFICAÇÃO

Certifico narrativamente para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas B-21, de folhas 28 a folhas 30 se encontra exarada uma escritura de justificação notarial lavrada em 9 de Novembro de 1970, na qual Allan David Bernard Williams, natural de Porthcawl, Inglaterra, de nacionalidade inglesa, e mulher Judith Ann Williams, natural de Porthcawl, casados no regime britânico de separação de bens; John Stewart Appleton, natural de Rickmans Worth, Inglaterra e sua mulher Frances Ann Appleton, natural de Bath England, casados no regime de separação de bens, todos de nacionalidade inglesa, e com residência habitual no Carvoeiro, freguesia de Lagoa, se declaram, com exclusão de outrem, donos e legítimos possuidores do prédio urbano sito em Carvoeiro, freguesia e concelho de Lagoa, composto de uma morada de casas, destinadas a indústria de restaurante, composto de cave, hall, dois quartos, despensa, casa de banho, arrecadação, lavanderia e quintal, e rés-do-chão com um vestíbulo, duas salas de jantar, uma casa de estar, cozinha e casa de banho, primeiro andar com um compartimento servindo de bar, um terraço e retrete, com a área coberta de cento e trinta e quatro metros quadrados e a descoberta de setenta e seis metros quadrados, a confrontar do norte com a rua; do sul, com o barranco; do nascente com Stuart e Joyce Ross; e do poente com João Vieira Guerreiro. Inscrito na matriz predial respectiva, em nome dos justificantes, sob o artigo 895, com o rendimento colectável de 21 600\$00, donde resulta o valor matricial de 432 000\$00. Não descrito na Conservatória do Registo Predial de Silves.

Os justificantes alegam que adquiriram por escritura pública o referido prédio a Brígida Maria, viúva e filhos; José dos Santos e mulher, Natividade Assunção; António dos Santos e mulher, Maria da Luz Lourencinho; Manuel Martins e mulher, Gertrudes da Encarnação Silva, e estes por sua vez, na data da referida transmissão, eram eles vendedores, também com exclusão de outrem, donos e legítimos possuidores do mencionado prédio, por o haverem adquirido em comum e sem discriminação de parte, por óbito de seus pais, António Encalhou, que também usava António Martins Encalhou e António dos Santos, e Isabel Victorino, também conhecida por Isabel do Sacramento. Que o referido prédio fora adquirido pelo dito António Martins Encalhou ou António Encalhou e mulher, a José Cequinho e mulher Mariana Cequinho casados no regime de comunhão geral de bens, naturais desta freguesia de Lagoa e com residência habitual em Carvoeiro, por contrato meramente verbal há mais de 60 anos, do qual não existe escritura pública; por isso não têm eles outorgantes possibilidades de comprovar, pelos meios normais, a aquisição do dito prédio.

Está conforme.

Cartório Notarial de Lagoa, 16 de Novembro de 1970.

A Notária,

Catarina Maria de Sousa Valente

Casa Rápida

Executa com rapidez, perfeição e garantia todos os trabalhos de cromagem, oxidação, cobreagem e anodização em todas as cores.

Manuel José Barros — Rua Dr. Teotónio Pereira, 7 a 11 — telef. 72885 — OLHÃO.

ANDARES

Vendo belíssimos andares, em local de futuro. Tratar com: José de Sousa Pereira — Estrada da Penha, 180-1.º — Tel. 24499 — FARO.

VINHOS PARA ENTREGA NO ESTRANGEIRO

Costa Pina & Vilaverde, Lda.

A GARRAFEIRA MAIS BEM SORTIDA DE PORTUGAL

PORTO

ESCRITÓRIOS:

R. do Bonjardim, 420 — Telef. 32228, 26562, 24943, 35221 e 37222

ARMAZÉM:

R. da Estação, 105 (a Campanhã) — Telef. 57396 e 57398

COIMBRA

FARO

Rua dos Oleiros, 16/18

Telefone — 27489

Largo do Mercado, 40

Telefones — 24060 e 23664

Tem a honra de informar que se encontra, desde já, apta a fazer entregar no estrangeiro a melhor gama de Vinhos do Porto, de Mesa e da Madeira, pelo que aguarda que as prezadas ordens da sua selecta clientela lhe sejam confiadas com a maior antecedência possível por forma a garantir que todas as entregas sejam efectuadas aos respectivos destinatários como convém, antes das Festas do Natal.

Países onde, nomeadamente, essas entregas poderão fazer-se: Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Holanda, Irlanda do Sul, Suíça e outros.

Trespassa-se em Olhão

Estabelecimento de fazendas com ou sem existência na Rua do Comércio, 54—Olhão. Recebem-se propostas na mesma direcção.

Política de higiene pública: Velha responsabilidade dos municípios algarvios e nova da Comissão Regional de Turismo

(Conclusão da 1.ª página)

de rejuvenescimento das nossas cidades, vilas e aldeias.

Será então preciso alargarmos para reforçar a ideia de que paralelamente a esta evolução as entidades responsáveis deverão sem adiamentos atender a aspectos fundamentais de uma política turística decente? O aspecto que hoje queremos lembrar parece até ter sido esquecido ou pelo menos não ter sido considerado ao nível da importância de que se reveste: a política sanitária e higiénica.

Os serviços sanitários das terras algarvias funcionam em grande maioria em instalações impróprias se não até nauseabundas. E da experiência, que falta o mínimo de higiene nas instalações públicas situadas em terras onde até os turistas pelo seu número, mereciam uma atenção que os habitantes esperam desde há muito tempo.

Por um lado os materiais escolhidos na construção dessas instalações, salvo raras excepções, em nada favorecem as limpezas mesmo que elas sejam aos milhares durante o dia. Em quase todas as terras tem havido um completo amadorismo na escolha dos materiais. Deste modo é impossível que se possa exigir aos funcionários encarregados desses serviços que se interessem pelo estado de conservação e aseo, tanto mais que esses funcionários não podem eles próprios responder perante o público pelas más condições em que os Municípios prestam um serviço que é pago pelos utentes.

Por outro lado, tanto direito têm as populações de Messines às normas elementares da higiene pública, como iguais direitos têm as populações de Aljezur, Monchique ou Vila Real de Santo António. E

Vítimas de acidentes de viação

Uma camioneta, que transportava oito trabalhadores da Casa Agrícola Damião Félix, despiu-se e voltou-se, por falta de travões, numa curva da estrada que passa perto da Tapada da Mina de S. Domingos.

No desastre morreram dois dos passageiros, srs. Francisco de Jesus Raposo, de 35 anos, e António Aurélio, de 60, ambos casados; e ficaram feridos, pelo que foram conduzidos ao hospital de Mértola, onde se encontram internados, os restantes ocupantes da viatura, srs. Manuel António Paula, de 54 anos, casado (o condutor); João Rodrigues Siqueira, de 53, casado; Amal do José Martins, de 39, solteiro; Manuel Machado Pardal, de 34, casado; Francisco Eugénio, de 45, casado; e Francisco da Silva, de 44, casado.

Quando conduzia um tractor, que puxava um atrelado com um carregamento de estume, foi vítima de acidente mortal o sr. Manuel Guerreiro, casado, de 40 anos, trabalhador, residente no sítio dos Braciais (Santa Bárbara de Nexe). O veículo, devido ao terreno acidentado, voltou-se, ficando o tractorista debaixo do mesmo e tendo morte imediata.

Vende-se

Camion SCANIA 55, com ou sem caixa térmica. Facilita-se pagamento. Trata: Joaquim Floripes Madeira — Rua Inf. D. Henrique, 38 — Portimão.

CHÁ DE HAMBURGO

LEGÍTIMO

Estimulante digestivo

BOA DISPOSIÇÃO PARA TODO O DIA

Benefícios nas perturbações das vias urinárias

A venda nas farmácias

Comissão Venatória Concelhia de Vila Real de Santo António

AVISO

Para os devidos efeitos se torna público que pelas quinze horas do dia 29 de Novembro corrente se realizará, no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Vila Real de Santo António, a eleição dos três representantes dos caçadores do Concelho para a constituição da Comissão Venatória a entrar em exercício em 1 de Janeiro de 1971 e para o triénio de 1971/73.

Vila Real de Santo António, aos 13 de Novembro de 1970.

O Presidente da Comissão Venatória,

Dr. António Manuel Capa Horta Correia

se levarmos esta questão àqueles termos em que se teria de sublinhar o enquadramento da política higiénica na explorada e explorável vocação turística do Algarve, muito teríamos a dizer sobre o que acontece em praças frequentadísimas. Quarteira, por exemplo. Não quer dizer que com isto não se esteja a apreciar devidamente o que neste domínio se realizou na Praia da Rocha e na do Carvoeiro. Há alguns exemplos positivos. Mas... Faro? mes... Portimão (cidade)? Como funcionam esses serviços?

É urgente portanto a revisão das questões políticas que se referem à higiene e sanidade no Algarve. Para se ir ao encontro de um turismo autêntico.

E não apenas no domínio público, mas também no domínio privado: as instalações sanitárias dos cafés e restaurantes, sobretudo os de grande circulação, deviam ser alvo de uma especial fiscalização, para além das exigências da obrigatoriedade e funcionalidade. Mas também é verdade, que nem aquela fiscalização nem sequer estas exigências se justificam, enquanto todos os Municípios e os órgãos oficiais de turismo não derem neste capítulo público exemplo. Exemplo sem equívocos.

Afonso Galvão

Reunião do Lions Clube de Lagos

No Hotel S. Cristóvão, realizou-se nova reunião do Lions Clube de Lagos. Presidiu o sr. dr. João Centeno que abriu a sessão, convidando o governador, sr. dr. Amado de Aguiar, a içar a bandeira nacional. O secretário, sr. Hermanno Soares Baptista, ocupou-se do expediente, o sr. José Pimenta Borges leu uma palestra de instrução homística e o sr. dr. Guerreiro Tello equacionou vários problemas da interesse.

O dr. Amado de Aguiar comentou a reunião, pondo em relevo a elevada percentagem da frequência e a presença das esposas dos associados. Encerrou a sessão o presidente, que se congratulou pela forma brilhante como a mesma tinha decorrido.

SERVICE OFICIAL DIESEL

BOSCH — CAV — SIMMS

PESSOAL ESPECIALIZADO

MAQUINAS ELECTRONICAS

EXECUÇÃO RÁPIDA

Ao seu dispor nas

OFICINAS ARMANDO

DA LUZ

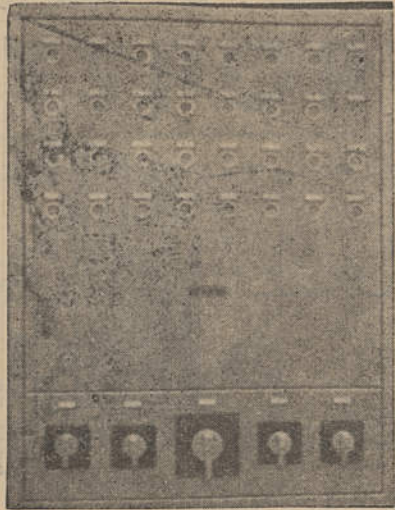
ZONA DO DIQUE — Tel. 2405

PORTIMÃO

Base para táxis aéreos em Faro

Os táxis da T. A. C. — Transportes Aéreos Continentais, concessionária dos serviços de táxis aéreos no continente, vão estabelecer uma base em Faro, até 15 de Março do próximo ano, fazendo deslocar para o aeroporto daquela cidade um dos seus aviões Islander. Estes aviões podem utilizar o aeroporto de Faro e os aeródromos de Albufeira e Lagos.

Sente-se a falta do previsto aeródromo de Vila Real de Santo António, que permitiria também a cobertura da concorrida zona turística do extremo sotavento algarvio.



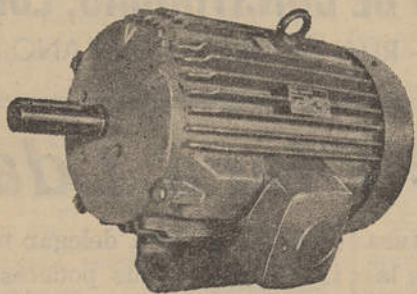
BOBINAGENS: de todos os tipos de máquinas eléctricas.

FABRICO: de quadros eléctricos de todos os tipos.

MONTAGENS: de Alta e Baixa tensão.

HIDRÁULICA: montagens hidráulicas de todos os tipos. Bombas, captações, tratamentos de água.

MECÂNICA: Construções e reparações.



Gabinete de Estudos e Projectos

STAND: Exposição e venda de máquinas e peças de substituição.

Electro Mecânica de Lagos
de Eng. Baptista Gomes
Oficinas Stand

R. da Laranjeira, n.º 12

R. Cândido dos Reis, n.º 23-25

Ensino Particular:
Esperar a incerta expansão do Ensino Liceal Oficial?
Lutar por uma política de subsidiariedade?

(Conclusão da 1.ª página)

planificados e inequívocos, ou ter-se-á de praticar um ensino proibitivo para a maioria dos jovens ou ver-se-á pura e simplesmente boicotada essa iniciativa, pelas circunstâncias económicas e sociais em que vivem as populações algarvias. O exemplo de Olhão comprova esta observação e tanto mais se nos recordarmos que esse centro urbano tem uma percentagem de população residente praticamente igual à da zona de Faro...

Desse modo podemos com segurança afirmar que se o Ensino Particular desaparecer, é urgente a expansão do Ensino Liceal Oficial; se o Ensino Particular escolher enfrentar o futuro, é uma questão vital a luta por uma política de subsidiariedade ou quando muito por uma desoneração dos encargos fiscais.

A inviabilidade económica dos estabelecimentos, associada à falta de alunos e de professores explicável por um círculo vicioso que começa pelas consequências práticas daquela inviabilidade e acaba no facto da atracção que os centros escolares macrocefálos do distrito exercem sobre os pais ricos, sobre os próprios alunos e professores, tudo isto tem particular incidência na taxa de aproveitamento escolar e na qualidade do ensino.

Ora, perante a realidade actual e independentemente de qualquer base político-educativa de que se seja partidário, o ensino particular depara com duas hipóteses-limite:

— ou aguardar a sua absorção, negociada ou forçada, pelo ensino oficial, através da transformação dos estabelecimentos existentes em secções liceais;

— ou lutar por uma política de subsidiariedade por parte do Estado e de desoneração fiscal.

O ensino liceal particular do Algarve é um caso relativamente autónomo no panorama geral do País. Mais uma vez aqui tem influência o factor geográfico. Por isso mesmo, porque o problema abrange todo o Algarve, as soluções deviam ter igual extensão e não apenas ficarem na consideração desta ou daquela terra em especial. É urgente traçar-se uma linha político-educativa a nível distrital, tal como no sector turístico se conseguiu.

Quer optando pelas secções liceais quer pela política de subsidiariedade, o certo é que o Ensino não pode dispensar os estímulos de experimentação pedagógica que são próprios da iniciativa privada.

Parece então ser razoável que se tente esboçar um esquema de investimentos na formação humana das gentes do interior e do litoral, tendo em conta as condições existentes e que, com relevância, não exclua dos pais e dos alunos a garantia constitucional de liberdade de ensino que compete ao Estado assegurar. Um esquema que por outro lado tome em consideração soluções não discriminatórias em relação aos vários centros urbanos do Algarve.

Já é urgente uma política de subsidiariedade e desoneração fiscal que abranja todas as escolas particulares que ministrem o ensino liceal em regime de externato e será política antieducativa, assis-

Vende-se
Bungalow na Praia da Armona. Motivo de retirada.
Trata telef.: 72811 — OLHÃO.

tir à decadência dessas mesmas escolas até elas ficarem reduzidas a meros valores transaccionais.

E todos os esforços ao nível da criação de secções liceais do Ensino Oficial deviam ser despendidos em termos de racionalidade, criando em tempos futuros as secções liceais ao lado das secções técnicas, quer estas existam já quer venham ainda a existir em edifícios próprios. Este esquema proporcionaria o aproveitamento comum de certos elementos didácticos e educativos pelas secções liceais e técnicas, com evidente redução de despesas. Assim, em vez de um investimento na compra de um estabelecimento particular, seria preferível uma política de subsidiariedade, o que não excluiria os esforços locais para a construção de futuras escolas bivalentes para as secções liceais e técnicas do Ensino Oficial.

Em Loulé por exemplo, o Ciclo Preparatório funciona em barracões impróprios. A Escola Técnica aguarda muitas coisas. O externato liceal aguarda outras mais sombrias. Aplicando aquele esquema ao caso concreto de Loulé poderia acontecer o seguinte:

1.º O futuro edifício que está pensado para a instalação da Escola Comercial e Industrial poderia ser acrescido de um outro, enquadrado, para a secção liceal que Loulé justamente pretende, utilizando-se assim em comum os laboratórios, biblioteca e complexo ginnodesportivo já previsto.

2.º O actual externato se não lhe fosse viável admitir uma política de subsídios e desoneração, seria o poiso do Ciclo Preparatório em óptimas condições.

De outro modo haverá sempre alguma coisa que está manifestamente mal. E ainda no caso de Loulé, o sacrifício de muitos anos seria compensado de modo satisfatório e com vantagens pedagógicas insubstituíveis.

Apenas sublinhamos mais o carácter político e geral com que a solução se refere ao Algarve: Tavira devia ser expressão de um acto político que abrangeria paritariamente Vila Real de Santo António, Lagos, Loulé, Silves, Olhão e São Brás de Alportel.

Sobre se a maioria dos proprietários e directores do Ensino Particular, neste momento, escolheriam a política de subsidiariedade ou a da simples alteração do título de propriedade particular em oficial, é uma questão que poderia estar esclarecida, há já uns meses atrás, bastantes antes das declarações e reportagens da Imprensa algarvia e lisboeta. De qualquer modo é injusto que as populações jovens neste mesmo momento estejam privadas de escolher em condições de igualdade, entre o ensino liceal e técnico. A injustiça, que poderia ser minorada, tem igual acuidade em Tavira, em Vila Real de Santo António, em Lagos, em Monchique, em Albufeira, etc... tanto mais que as populações desses centros urbanos não podem, em termos de generalidade, nem aguentar o sacrifício económico de manter o ensino particular, nem o de investir na deslocação das crianças e jovens até aos centros escolares macrocefálos.

Carlos Albino

O sr. Cabrita Neto tomou posse do cargo de presidente do Conselho Geral do Grémio dos Retailistas de Mercadorias do Sul

Sob a presidência do dr. Cabral Moncada, delegado do Governo junto do Grémio dos Retailistas de Mercadorias do Sul, foi investido nas funções de presidente do Conselho Geral deste organismo o nosso comprouviciano sr. Joaquim Manuel Cabrita Neto. O acto decorreu em Lisboa, tendo o sr. Cabrita Neto, que é também presidente da Federação dos Grémios do Comércio do Algarve, sido muito cumprimentado.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista
Diagnóstico-Roentgenotérapia
R. Castilho, 37—Tel. 22644
FARO
Os beneficiários dos Serviços Médico-Sociais têm preços de Policlínica nos exames particulares

Oficialização da Tertúlia da Imprensa Algarvia

A quando do retorno de Sevilha, onde assistiram à inauguração do Centro de Informação e Turismo de Portugal, os representantes dos órgãos informativos radicados no Algarve, decidiram criar um clube, ou instituição, que mais os unisse e a que foi dado o nome de Tertúlia da Imprensa Algarvia. Após um período inicial, sem actividade, efectuou-se agora uma reunião em que foi decidido oficializar a instituição, sendo eleitos para a comissão promotora os srs. Artur Serrão e Silva, director de «O Algarve», rev. Carlos do Nascimento Patrício, director de «Folha do Domingo», Gentil Marques, presidente da direcção do Grémio da Imprensa Não Diária, Joaquim Manuel Beites Abaim, director da Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve e João F. Manjua Leal, correspondente de vários jornais e nosso redactor em Faro.

CARTAS à Redacção

Um pouco mais de calor
Sr. director,

A nossa Província, hoje bem diferente de há vários anos, tem-nos levado a pensar um pouco mais.

Passou-se mais um Verão. Este, deixou-nos as melhores impressões, relativamente aos anos transactos. Nós, algarvios, possuímos na nossa Província o que há de mais belo, pois, a posição geográfica assim o quer. O calor, as águas quentes do nosso litoral, as areias esquentadas e douradas, tudo isto reúne o mais belo e deslumbrante espectáculo de cor e luz. Mas não há que esquecer que falta um pouco mais de calor.

O ambiente que nos envolve é magnífico, e mais belo seria, se nos dedicássemos mais a fundo ao aproveitamento turístico da Província. Possuímos grandes e belas praias, todas conhecidas internacionalmente.

Se durante a época balnear, a Junta de Turismo ou Câmaras Municipais (de que cada praia depende) promovessem uns espectáculos, por exemplo, eleger a «miss» dessa praia, espectáculo vulgar em muitas terras, e também se organizassem mais competições desportivas, tudo correria melhor, pois não são só as areias douradas, o sol brilhante e quente, as águas quentes e límpidas, que dão valor ao Algarve. Falta mais um pouco de calor e a Junta de Turismo que concretizar esta ideia estará de parabéns.

D. M. F. P.

H. PIMENTA DE CASTRO
MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DA BOCA E DENTES
PRÓTESE DENTÁRIA
Consultas a partir das 15 horas — excepto sábados —
CONSIDERA-SE A URGÊNCIA
CONSULTÓRIO:
Rua Dr. João Lúcio, 17-1.—OLHÃO
TELEF. OLHÃO—72619
Residência 23104—FARO
349—MONTE GORDO

VISITE EM QUARTEIRA O RESTAURANTE ISIDORO
O MAIS TÍPICO DO ALGARVE

Cozinha Regional
director técnico: ISIDORO
PRATOS DO DIA
Bife de Atum à Barraca
Sardinhas na Brasa
Caldeirada
Camarão de Quarteira
Ostras à Isidoro
Amêijoas na Cataplana
Lavagante
E AINDA OUTROS PRATOS DIVERSOS
Lagosta
Feijoadà à Barraca (ao Domingo)
Ervilhas à Rita
Perdiz à Isidoro
Frango na Púcara
Doce Regional

Restaurante-Bar TOZÉ

Cabanas de Tavira — Telef. 13

Abriu ontem, o TOZÉ, o restaurante-bar concedido para o seu gosto e bem-estar. O TOZÉ dispõe de um magnífico serviço de cozinha, com especialidades sensacionais. O TOZÉ dispõe ainda de música permanente, com os últimos TOPS internacionais. Vá ao TOZÉ o estabelecimento criado para si.

Vai realizar-se a V Romagem de Saudade ao Liceu de Faro

(Conclusão da 1.ª página)
a Província tanto deve, dr. Joaquim Magalhães, de sorriso sempre afável e amistososo, quando encontra algum dos milhares de alunos que o tiveram por mestre dedicado, lá estará no Liceu Nacional a receber-nos, como filhos ausentes que regressam, por minutos, à casa-mãe.

A grande alegria da reunião vai contagiando os mais apáticos e saibemos do interesse de certos elementos que nunca assistiram a qualquer confraternização. Aproveitamos o facto, pois eles é que poderão impedir que a iniciativa do falecido dr. Antero Cabral, antigo aluno e saudosso governador civil da Província, não pereça mas se revigore e transforme no grande encontro de tantas e tantas gerações que passaram pelos bancos do querido Liceu de Faro.

Todas as adesões devem ser comunicadas à Reitoria do Liceu ou à Casa do Algarve, em Lisboa. Já

foram pedidas as usuais facilidades aos vários Ministérios para re- levar a falta do dia 30 e à C. P. para conceder os descontos habituais. O programa será divulgado dentro de dias, embora, nas suas linhas gerais, não se afaste do anteriormente elaborado. O almoço realizar-se-á no Hotel Eva, como em 1966.

Dada a falta de tempo, de colaboradores e de endereços, a comissão confia na boa vontade de todos para que, sem melindres, se ponham em contacto com os organizadores e arrastem no seu entusiasmo os colegas de curso, os amigos e parentes, que não se têm habituado a estes convívios.

É só uma vez, de cinco em cinco anos, que Faro recebe os Romeiros do seu Liceu e a capital sabe ser gentil e entusiasta e não deixará de ver no cortejo, larga representação dos seus naturais que eram, e continuam a ser, a maioria esmagadora dos que estudaram no velho edifício do Seminário, no saudosso imóvel da Alameda — onde brilhava, para nosso orgulho, o nome querido de João de Deus — e nas actuais instalações em Santo António do Alto. Três caminhos e um só destino: estudar, obter cultura, na província do sul. Pena é que uma avalanche desses estudantes valorize outras terras e outras gentes porque não encontraram outra solução para as suas actividades.

Aproveitemos, pois, este sinal de reunir e vamos de qualquer lado onde estejamos, rever os momentos de infância que a saudade fixou e teima em não esquecer. Revigorem-se as forças debilitadas pela idade ou pelas amarguras da vida, no calor amigo dos camaradas que deixámos de ver, nos professores que nos acolhem de sorriso franco, na luminosidade da progressiva cidade de Faro onde vários anos cruzámos ruas e jardins.

M. Odette L. da Fonseca

a evolução traz novas exigências e a técnica aperfeiçoa-se.

FAR
na rota do progresso!
ELÉCTRICOS OU MISTOS, GÁS E ELECTRICIDADE EQUIPADOS COM PROGRAMADOR

MOD. GENISSIAT 23.24.21

distribuidores exclusivos:
J. COSTA & SILVA, Lda
R. DOS SAPATEIROS, 79-1, 32613 LISBOA

Frigoríficos Refrigeração

EDUARDO AUGUSTO RAMOS OLIVEIRA, técnico de frio, informa todos os seus clientes e amigos que deixou de exercer a sua actividade na Agência Comercial de Faro, recebendo agora o serviço de assistência e reparações através da firma NELSON & VALE (FRIMÓVEL), Rio Seco—Faro. Telf. 22871

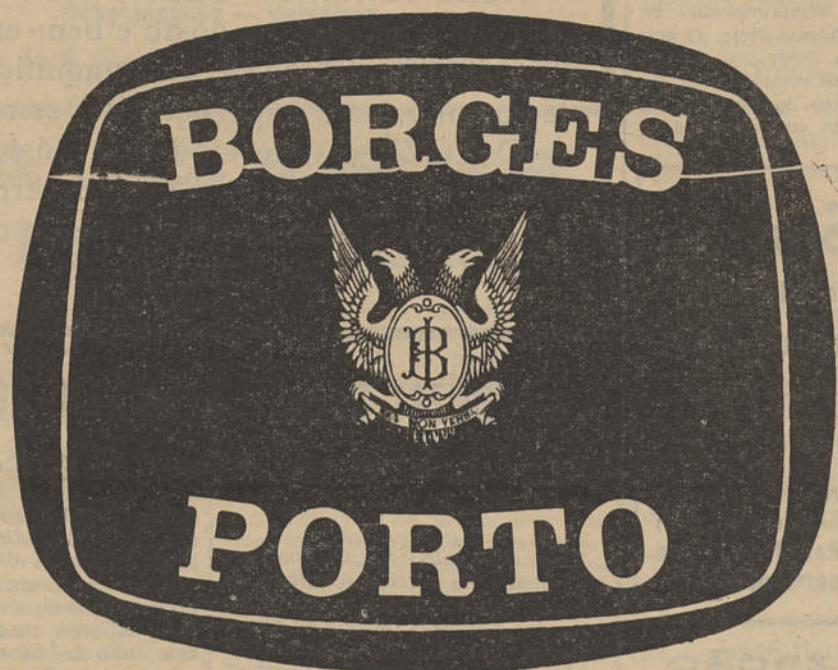
À Classe Médica e aos Doentes Diabéticos

As preparações de INSULINA "SANO" cuja qualidade é assegurada pela comprovação oficial a que sistematicamente são submetidas, encontram-se à venda nas principais Farmácias do País pelos seguintes preços:
INSULINA (SIMPLES)-Frascos de 10cc. com 400 Unidades=20\$00
INSULINA PROTAMINA-ZINCO-Frascos de 10 cc. com 400 Unidades=23\$00
O LABORATÓRIO "SANO"
É O ÚNICO FABRICANTE NACIONAL DE INSULINA

Em Olhão

Fundição de ferro, alumínio e bronze e Serralha Mecânica e Civil.
Trespasa-se ou arrenda-se. Firma antiga e acreditada. Dirigir a Manuel José Barros, telef. 73192, Rua Dr. Teotónio Pereira (frente à estação do caminho de ferro) — OLHÃO.

Brinde com PORTO, mas!



Distribuidores Exclusivos no Algarve

Francisco Martins Farrajota & Filhos, Lda.

Secção «GARRAFEIRA»

PORTIMÃO

Telefone 123

LOULÉ

Telefone 62002

Baptista Gomes & Gameiro, Lda.

Certifico que, por escritura de 21 de Outubro de 1970, lavrada de fl. 38 v.º a fl. 40 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º 33-B do Cartório Notarial de Lagos, a cargo da notária licenciada em Direito Palmira Amaral Seabra, foi constituída entre Fernando Henrique Batalha Baptista Gomes, casado, e Manuel Gameiro da Silva, casado, residentes habitualmente em Lagos, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma Baptista Gomes & Gameiro, Lda., tem a sua sede em Lagos, e vai ter o seu domicílio na Rua de Cândido dos Reis, 23 e 25, e a sua duração é por tempo indeterminado, entrando hoje em exercício.

2.º

O seu objecto é o comércio de venda de acessórios para autos, óleos e lubrificantes, tractores, rolamentos, pneus, motores eléctricos, marítimos e industriais, grupos moto-bombas e electro-bombas, podendo ainda exercer qualquer outro ramo da actividade comercial ou industrial para que não seja precisa autorização especial.

3.º

O capital social é de 200 000\$, está todo realizado, em dinheiro, e corresponde à soma das quotas dos sócios, do seguinte modo: Fernando Henrique Batalha Baptista

Gomes, 160 000\$, e Manuel Gameiro da Silva, 40 000\$.

4.º

A cessão de quotas é proibida sem consentimento da sociedade.

5.º

A gerência e a administração da sociedade e dos negócios sociais ficam, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme se decidir em assembleia geral, a cargo do sócio Fernando Henrique Batalha Baptista Gomes, que poderá delegar noutro sócio os seus poderes de gerência e cuja assinatura é indispensável para obrigar a sociedade, bastando; porém, a assinatura de qualquer sócio para os actos de mero expediente.

6.º

A sociedade dissolve-se apenas nos casos marcados na lei; seja qual for o motivo da dissolução, a liquidação será feita pelos sócios, seus herdeiros e sucessores pelo modo como então para ela se concertarem e for de direito.

7.º

As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, com a antecedência de oito dias, pelo menos, desde que a lei não exija outras formalidades.

É certidão que fiz extrair e vai conforme ao original.

Cartório Notarial de Lagos, 29 de Outubro de 1970.

A Ajudante,

Luísa Simões Costa

COMPARTICIPAÇÕES

Foram concedidas as seguintes participações e reforços: 100 contos à Câmara Municipal de Castro Marim, para a estrada municipal n.º 505, da estrada nacional n.º 122 a Cachopo, por Furnazinhas (construção do lanço dentro do conselho de Castro Marim), 7.ª fase; 99 contos e 150 contos à Câmara Municipal de S. Brás de Alportel, respectivamente para os caminhos municipais n.º 1209 (construção do lanço da estrada municipal n.º 514 a Desbarate), 1.ª fase e n.º 1208 (construção do lanço de Mesquita Baixa ao caminho municipal n.º 1209 nas proximidades de Desbarate), 1.ª fase; 64 contos (reforço), à Câmara Municipal de Lagos, para a estrada municipal n.º 535-1 (reparação do lanço do Barão de S. João a Portelas, estrada nacional n.º 130), 6.ª fase; 13 contos (reforço), à Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, para a construção do caminho municipal n.º 1246, da estrada nacional n.º 125, no Buraco, à estrada municipal n.º 509, no Pocinho, 1.ª fase; 10 800\$00 à Câmara Municipal de Alcoutim, para a construção da estrada municipal n.º 507-1, em Glões, à estrada nacional n.º 124, 2.ª fase; e 4 200\$00 à Câmara Mu-

JÁ EM LABORACÃO
Oficina de Galvanoplastia
A mais potente instalação do Sul do País
 Equipada com Rectificador de Selénio de 10V.1000 1000Amp.
Cromagem — Niquelagem — Cobragem
Latagem — Zincagem — Oxidação — Etc.
Tinas para grandes e pequenas peças
Cromagem Brilhante e Dura
A mais evoluída Galvanotécnica
Queira enviar todo o vosso material, nós pagamos os portes.
 Rapidez na execução através de sistema evoluído.
PERROLAS, LDA. — PORTIMÃO

PORTO LISBOA FARO

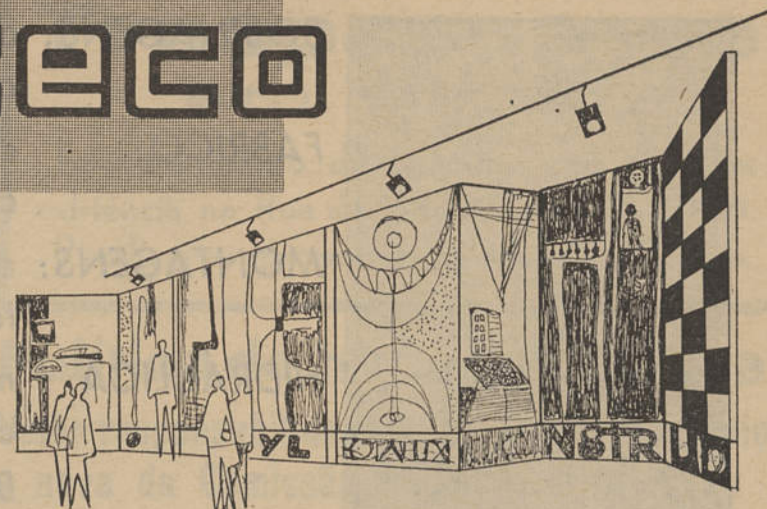
DECORAÇÃO
REVESTIMENTOS
EQUIPAMENTO

SOPAL **SOPAL**

Praça Alexandre Herculano, 37 — FARO

centeco

AFIXAÇÃO DE CARTAZES
 CAMPANHAS
 EXPOSIÇÕES
 IMPRENSA



CENTRO DE PUBLICIDADE E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, LDA.
 RUA ALMEIDA GARRETT, 57-A - TEL. 24217 - FARO - RUA Dr. JUSTINO CUMANO, 13

JORNAL DO ALGARVE
 N.º 713 — 21-11-70

TRIBUNAL JUDICIAL

da Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

Por este se anuncia que no próximo dia VINTE E SETE DE NOVEMBRO, pelas 15 horas, no Tribunal desta comarca, e nos autos de Execução Sumária que o BANCO NACIONAL ULTRAMARINO, com sede em Lisboa, move contra ERMELINDA DE JESUS VIEGAS, viúva, comerciante, residente nesta vila, se procederá à arrematação em hasta pública, SEGUNDA PRAÇA, para serem vendidos DIVERSOS MÓVEIS e ARTIGOS próprios de estabelecimento de «CAFÉ», tais como DOIS BALCÕES, UMA ESTANTE TIPO VITRINE, e OUTROS, tendo por base da arrematação metade dos valores da avaliação. Dos móveis a vender é depositária a própria executada.

Vila Real de Santo António, 13 de Novembro de 1970.

O Escrivão de Direito,

a) *João Luís Madalena Sanches*

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

a) *Manuel Nuno de Sequeira Sampaio da Nóvoa*

TINTAS «EXCELSIOR»

nicipal de Loulé, para reparação do caminho municipal n.º 1177, da estrada nacional n.º 270 (Paderné) à mesma estrada por Gilvrazinos, 3.ª fase.

Gomes & Clara, Lda.

Certifico que, por escritura de 21 de Outubro de 1970, lavrada de fl. 39 v.º a fl. 41 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º 33-A do Cartório Notarial de Lagos, a cargo da notária licenciada em Direito Palmira Amaral Seabra, foi constituída entre Fernando Henrique Batalha Baptista Gomes, casado, e Carlos Manuel Clara de Jesus, casado, residentes habitualmente em Lagos, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma Gomes & Clara, Lda., tem a sua sede em Lagos e vai ter o seu domicílio na Estrada Nacional 120, lote 2, e a sua duração é por tempo indeterminado, entrando hoje em exercício.

2.º

O seu objecto é o exercício do comércio e indústria de montagens e reparações eléctricas em automóveis, camiões, tractores e máquinas industriais, afinações e reparações mecânicas, venda de pneus, calibragem de rodas e alinhamento de direcções, podendo ainda exercer qualquer outro ramo de actividade comercial ou industrial para que não seja precisa autorização especial.

3.º

O capital social é de 200 000\$, está todo realizado, em dinheiro, e corresponde à soma das quotas dos sócios, do seguinte modo: Fernando Henrique Batalha Baptista Gomes, 160 000\$, e Carlos Manuel Clara de Jesus, 40 000\$.

4.º

A cessão de quotas é proibida sem consentimento da sociedade.

5.º

A gerência e a administração da sociedade e dos negócios sociais ficam, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme se decidir em assembleia geral, a cargo do sócio Fernando Henrique Batalha Baptista Go-

mes, que poderá delegar noutro sócio os seus poderes de gerência e cuja assinatura é indispensável para obrigar a sociedade, bastando, porém, a assinatura de qualquer sócio para os actos de mero expediente.

6.º

A sociedade dissolve-se apenas nos casos marcados na lei; seja qual for o motivo da dissolução, a liquidação será feita pelos sócios, seus herdeiros e sucessores, pelo modo como então para ela se concertarem e for de direito.

7.º

As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, com a antecedência de oito dias, pelo menos, desde que a lei não exija outras formalidades.

É certidão que fiz extrair e vai conforme ao original.

Cartório Notarial de Lagos, 29 de Outubro de 1970.

A Ajudante,

Luísa Simões Costa



complete a sua cozinha com o melhor fogão



adaptáveis a qualquer tipo de gás

distribuidores exclusivos:

J. COSTA & SILVA, Lda.

R. DOS SAPATEIROS, 79-1, 226-713 LISBOA 2

Foi proposto em Torremolinos que o III Curso Luso-Espanhol sobre Economia e Promoção de Empresas Turísticas se realize no Algarve em 1971

Conforme noticiámos, decorreu em Torremolinos, Espanha, o II Curso Luso-Espanhol sobre Economia e Promoção de Empresas Turísticas. A sessão de encerramento efectuou-se no penúltimo sábado. No decurso da reunião, o dr. Pearce de Azevedo, presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve, apresentou aos directores do curso, eng. Álvaro Roquete e D. José Ignacio de Arrillaga a seguinte proposta:

«Caso não haja qualquer inconveniente e a sugestão tenha a comum aprovação dos Governos espanhol e português, a Comissão Regional de Turismo do Algarve, propõe-se realizar o próximo Curso Luso-Espanhol na Província do Algarve, o que ponho à apreciação de V. Ex.ª»

A proposta mereceu o melhor interesse dos presentes.

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

Apontamento de JOAO LEAL

Campeonatos Nacionais

I DIVISÃO

Dia grande para o Farense

Sob múltiplos aspectos assim aconteceu. A turma de Faro consorviu a invencibilidade no seu terreno, arquivou uma vitória excelente a todos os títulos derrotando um dos maiores e arreadou uma receita de bilheteira verdadeiramente recorde. Foram mais de vinte mil os espectadores que se concentraram em redor do terreno do jogo. De todo o Algarve, do Baixo Alentejo e de Lisboa, utilizando os mais diversos meios de transporte, foi uma multidão em entusiástico delírio aquela que encheu a mais não caber o Municipal da capital algarvia. A receita (a que se acrescenta a circunstância de ter sido «Dia do Clube») ultrapassou os 500 contos. O prémio foi entusiástico, sem primores técnicos é certo, mas pairando com uma incerteza até final. Recordar-se que foi no último minuto que o Farense obteve o tento da vitória. Uma jogada excelente, que Ernesto

princípio, escapando-se à vigilância dos defensores encarnados. Testas foi o ponto de ligação com Correia. Mas este, tapado, preferiu ao remate um toque rápido para Nunes. O fozoso meio-campista dos algarvios não perdeu o atirou forte e seco, sem possibilidades de defesa para José Henrique. Impossível já então alterar o resultado do jogo em que surgiram vários casos (a expulsão de Malta da Silva, o discutido penalite junto à área do Farense e outro menos discutido provocado por José Henrique sobre Correia).

Desolava-se que houvesse mais futebol, mormente por parte da turma visitante, cujas credenciais e pergaminhos a isso faziam crer. Um facto se mantém: o Farense apenas cedeu um ponto no seu terreno e por sinal frente a lanterna vermelha, o Barcelense.

Sob a direcção do juiz lezíense sr. António Espanhol, as equipas alinharam:

Farense — Barroca; Assis, Atraca, Caneira (Valdir) e Sítio; Ferreira Pinto, Nunes e Dani (Bastos); Correia, Ernesto e Testas.

Benfica — José Henrique; Malta da Silva, Humberto, Zeca e Toni; Calado e Vitor Martins; Jaime Graça, Artur Jorge, Nené (Diamantino) e Simões (Torres).

Hoje o Farense actua no Estádio do Bessa, no Porto. O Boavista optou por antecipar os seus encontros, dada a coincidência e consequentes prejuízos daí advindos, dos jogos do Futebol Clube do Porto O Boavista, que no domingo foi goleado em Alvalade, necessita recompor-se e pontuar. Mas na tarde da hoje o Farense pode também arrecadar algo.

II DIVISÃO

Um ponto extra - Olhão

Após o êxito, o seu primeiro êxito desta época, sobre o Torres Novas, o Olhanense foi buscar um ponto bem necessário ao Tramagal. A perder por 2-0 a turma da Vila Oubista conseguiu a igualdade e esteve à beira duma merecida vitória. Os tentos da turma magalense foram obtidos por Evaldo, o brasileiro do Nautico do Recife que treinou em Faro, e os dos algarvios por Simões (o melhor marcador algarvio da III Divisão na época transacta).

Arbitrou o sr. Melo Acúrcio (Porto), apontando-se as seguintes formações:

Tramagal — Bonito; Amnio Henriques, Diamantino, Armando II e Segorbe; Vicente e Carro Brito; Pedras, Cuca, Evaldo e Cunha.

Olhanense — Rodrigues, Alexandrino (Zezé), Albino, Reina e Cartaxo; Madeira e Matias; Renato, Simões, J. Pereira, Carlos Pereira (Manuel) e Walter (Faro).

Em Peniche o Portimonense houve-se como convinha e o processo ia dando os seus resultados. Uma defesa a jogar no certinho e a contra-atacar sempre que o ensino a tal dava ocasião. E contra a chamada «corrente do jogo» veio o gol dos algarvios que o opusculo Mateus marcou aos 13 minutos. Mas ainda era cedo, bastante cedo mesmo para meter um tento solitário e garantir a vitória. A pressão do Peniche continuou mas só no segundo tempo é que essa hegemonia conseguiu traduzir-se, proporcionando aos visitantes uma vitória tangencial. Dirigiu o sr. Encarnação Salgado (Setúbal) e as equipas alinharam:

Peniche — Tavares; Borges, Eduardo, Carolino e Artur; Hernani e Albertino; Carilhos, Carapinha, Mendes e Walter (Faro).

Portimonense — Dionísio; Lino, Carlos, Miranda e António Luis; José António (Évora) e Júlio; Afonso, Ramos, Mateus e Pacheco.

Mateus (13 minutos) marcou pelo Portimonense; Mendes e Carilhos, aos 61 e 62 minutos fizeram os golos do Peniche.

Para amanhã, o Algarve apresenta sugestivo cartaz. Em Olhão joga o Peniche (um dos candidatos ao título) e em Portimão actua o Sesimbra (turma com uma carreira bastante regular). Mas necessário se torna que o ensino de ganhar no seu terreno e a plena necessidade de tal se não olvide aos algarvios.

III DIVISÃO

O Lusitano desfez o trio dianteiro

Mercê da sua vitória sobre a turma eborense do Juventude, o Lusitano reduziu em uma unidade o número de comandantes. Resultado meritório e que premeia a maior aplicação dos vilarealenses.

Vitória certa também a do Esperança de Lagos sobre o Vasco da Gama, num jogo bem disputado. O Silves, cuja situação na cauda da tabela é pouco cômoda, foi a Beja perder por marca tangencial, após atingir o intervalo na situação de vencedor. Espera-se que esta turma comece a arrancar para zona onde não paire o fantasma dos

Classificações

últimos. E amanhã jogando em casa, contra o Grandolense, a oportunidade parece surgir. De algum modo difíceis as saídas do Lusitano a Moura e do Esperança a Paio Pires.

I DIVISÃO

1.º Sporting, 17 pontos; 2.º Académica, 13; 3.º Vitória de Setúbal e Benfica, 12; 5.º Porto, 10; 6.º Farense, 9; 7.º Tirsense, 8; 8.º CUF, Guimarães, Belenenses, Varzim, Leixões, 7; 13.º Boavista, 6; 14.º Barcelense, 4 pontos.

II DIVISÃO

1.º Montijo, 16 pontos; 2.º Atlético, 14; 3.º Peniche, 13; 4.º União de Tomar, 12; 5.º Sesimbra, Luso e Tramagal, 10; 8.º Oriental, 9; 9.º Torreense, 8; 10.º Portimonense e Sintrense, 6; 12.º Olhanense, 5; 13.º Torres Novas, 4; 14.º Seixal, 3 pontos.

III DIVISÃO

1.º Almada e Lusitano de Évora, 8 pontos; 3.º Juventude e Cova da Piedade, 7 pontos; 5.º Esperança, Lusitano, Beja e Moura, 6; 9.º Amora, 5; 10.º Vasco da Gama e Paio Pires, 4; 12.º Grandolense, União Sport e Vendas Novas, 3; 15.º Silves e União de Alagés, 2 pontos.

JUNIORES

1.º Faro e Benfica Lusitano e Silves, 2 pontos; 4.º Olhanense e Portimonense, 1; 6.º Farense, Tavirense e União Sambranzense, 0 pontos.

JUVENIS

Zona Barlavento: 1.º Silves, 4 pontos; 2.º Esperança, 2; 3.º Imortal e Portimonense, 1; 5.º Louletano, 0 pontos.

Zona Sotavento: 1.º Olhanense, 4 pontos; 2.º Lusitano, Farense, União Sambranzense e Fuseta, 2; 6.º Moncarapachense, 0 pontos.

Taça de Honra da A. F. Faro

Na sede da Associação de Futebol de Faro realizou-se o sorteio para o Campeonato Distrital da 1.ª Divisão. Na prova, que se inicia a 20 do próximo mês, participam as equipas do Faro e Benfica, Imortal de Albufeira, Tavirense, Louletano e União Sambranzense.

Também foi acordada a disputa da «Taça de Honra da I Divisão», que será jogada em 29 deste mês, 6 e 13 de Dezembro. Nela participam: Faro e Benfica, Imortal, Louletano e Sambranzense.

Confraternização dos benfiquistas residentes no Algarve

Na noite do último sábado decorreu no Restaurante «Retiro dos Amigos», no Rio Seco, em Faro, um jantar de confraternização benfiquista, motivado pela vinda ao Algarve da equipa de honra do Sport Lisboa e Benfica.

Antes do repasto houve recepção no Sport Faro e Benfica, onde os dirigentes do clube lisboeta receberam cumprimentos do eng. Rocheta Cassiano, presidente da direcção dos «encarnados» da capital algarvia.

O jantar foi presidido pelo eng. Osvaldo Bagarrão, delegado da Direcção Geral dos Desportos, ladeado pelos srs. dr. Francisco Delfino, presidente da direcção da Associação de Futebol de Faro, arq. Hermínio Beato de Oliveira, presidente da assembleia geral do Faro e Benfica, Mário Baptista da Silva e dr. Homero Reis, dirigentes do Benfica, Matos Junça, presidente da Comissão Distrital de Árbitros de Futebol, João Pinto Dias Pires, presidente do Sporting Clube Farense, etc.

Entre a assistência viam-se muitas dezenas de adeptos do clube lisboeta e elementos ligados ao desporto algarvio. Aos brindes usaram da palavra os srs. Lopes Martins, eng. Rocheta Cassiano, arq. Hermínio de Oliveira, drs. Rocheta Cassiano e Francisco Delfino, João Pinto Dias Pires, Dante Barbosa Guerreiro e Baptista da Silva, encerrando os discursos o eng. Osvaldo Baptista Bagarrão.

Bridge

No final da «Semana Internacional de Bridge do Algarve», realizada em Alvor, e que sob todos os aspectos foi um autêntico êxito, decidiu-se que a IV Semana decorra de 4 a 12 de Novembro do próximo ano.

BASQUETEBOL

Prosseguem os distritais

Com a realização dos jogos referentes à 3.ª jornada, prosseguiram os Campeonatos Distritais.

Em seniores, o Farense venceu com justiça Os Olhanenses pela marca de 58-40, num jogo de baixo nível técnico-tático. Houve muitos passes transversais, densidade individual e muita penetração nos sistemas defensivos e ausência quase absoluta de ataque planeado. Jogou-se muito à base do improviso. O Campeonato Nacional aproxima-se e estamos convictos de que os processos vão com certeza ser revistos e modificados.

Em Portimão, o Ginásio Olhanense foi demasiadamente débil frente à Casa dos Pescadores que, sem ainda termos visto em acção, não parece um cinco bem preparado, bem mentalizado e com possibilidades de marcar boa presença no Nacional. Os números dizem bem quanto Olhanense foi a vitória dos barlaventinos por 73-13.

Em Juniores, onde não existe uma equipa de nível pelo menos regular, num encontro que se caracterizou pela fragilidade de concretização de ambos os cinco, o Olhanense venceu justamente o Benfica por 25-12. Os Olhanenses, um tanto inesperadamente, venceram com merecimento o Farense por 40-31.

Em Juvenis, que relativamente continua a ser o Distrital de melhor nível basquetebolístico, num encontro muito equilibrado o Olhanense, com muitas dificuldades triunfou sobre o Faro e Benfica por 38-36. Qualquer dos cinco merecia a vitória, ainda que o cinco de Olhão dispusesse ao longo do encontro de melhores situações de cesto possível e não concretizadas. No outro encontro Os Olhanenses venceram os fátios do Farense pela marca de 40-11.

Esplêndida iniciativa da A. B. F.

A exemplo da sua congénere de Coimbra, a A. B. F. faz disputar nos Distritais em curso, prémios de comportamento e prémios de efectividade, com a seguinte regulamentação:

Prémios de comportamento: Serão concedidos prémios aos jogadores melhor comportados nas categorias de Juniores, Juniores e Primeiras, instituindo-se a Taça Disciplina, que será atribuída à equipa e aos jogadores das três categorias que no final do campeonato somem menor número de pontos provenientes de faltas. Os pontos são atribuídos da seguinte forma: Falta pessoal, equivale a um ponto; falta intencional, equivale a 5 pontos; falta técnica, equivale a 10 pontos; falta desqualificante, equivale a 50 pontos.

Em caso de empate, ganha o clube que ficar melhor classificado no respectivo campeonato. Serão entregues medalhas aos componentes de cada equipa de cada categoria, que conquistarem a Taça Disciplina. Serão penalizados em 5 pontos por cada jogador inscrito as equipas que derem falta de comparência.

Prémios de efectividade: Serão concedidas medalhas aos 20 primeiros atletas de cada categoria que somem mais pontos segundo a seguinte tabela: 1.º Lugar, 30 pontos; 2.º Lugar, 25 pontos; 3.º Lugar, 20 pontos; 4.º Lugar, 15 pontos; 5.º Lugar, 10 pontos; 6.º Lugar, 5 pontos; 7.º Lugar, 3 pontos; 8.º Lugar, 2 pontos; 9.º Lugar, 1 ponto; 10.º Lugar, 0 pontos.

No caso de haver atletas empatados com o 20.º classificado, a Associação distribuirá medalhas aos atletas nestas condições.

Belo exemplo da A. B. F. Oxalá dirigentes, juizes, técnicos, atletas e público saibam interpretar e tornarem-se dignos desta bela iniciativa, a todos os títulos merecedora do nosso aplauso. Precisamos dum basquetebol de melhor nível e mais bem disciplinado, pois anda para ali demasiada chubiscite aguda.

Humberto Gomes

Hoje e amanhã decorrem os Campeonatos Nacionais de Pista em Tavira

Hoje e amanhã disputam-se na pista do Ginásio de Tavira os Campeonatos Nacionais de Ciclismo em Pista, derradeiras provas federativas desta época. No belo velódromo da cidade do Gilão encontrar-se-ão assim os apurados nos campeonatos promovidos pelas Associações de Ciclismo de Faro, Lisboa, Aveiro e Porto.

Notariado Português

Cartório Notarial de Vila Real de Santo António

A cargo do Notário Lic. José Manuel Cabral de Matos Oliveira

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 17 de Novembro de 1970, lavrada de fls. 8 a fls. 10, do livro de notas para Escrituras Diversas n.º 55, deste Cartório, Eduardo Serina, e mulher Maria Guilhermina, naturais da freguesia e concelho de Alcoutim, casados, segundo o regime de comunhão geral de bens, e residentes habitualmente no sítio das Hortas, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, de um prédio urbano térreo, com vários compartimentos e quintal, sito na Praia

de Monte Gordo, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, a confrontar do norte, sul e nascente com ruas correntes e poente com João Guerreiro, inscrito na respectiva matriz sob o art.º 1817, com o rendimento colectável de 540\$00 e o valor matricial de 10 800\$00, a que atribuíram o valor de 15 000\$00, não descrito na Conservatória do Registo Predial do concelho de Vila Real de Santo António, em virtude do justificante marido o ter comprado, pelo preço de 15 000\$00 a José Romão e mulher Antónia Filipe, casados, segundo o regime de comunhão geral de bens, naturais da freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, onde residem no sítio da Praia de Monte Gordo, por escritura lavrada neste Cartório em 9 de Dezembro de 1965, de fls. 24 v. a 25 v. do livro de notas para escrituras diversas n.º 30.

Pescos desportiva

Vitória de Amabélio Pereira no VIII Campeonato Intersócios do C. A. P. de Olhão

No molhe leste da barra do porto comum de Faro-Olhão decorreu a 4.ª e última jornada do «VIII Campeonato Intersócios», promovido pelo Clube dos Amadores de Pesca de Olhão. Nesta derradeira jornada verificou-se a seguinte classificação:

1.º, António José Gonçalves 2 270 pontos; 2.º, Eduardo Conceição, Pires, 1 880; 3.º, Celestino Martins 1 715; 4.º, António das Neves, 1 705; 5.º, Laurino Soares, 1 635; 6.º, José Ramos Pires, 1 200; 7.º, Luís Jorge Martins, 1 175; 8.º, António Larguito, 1 010; 9.º, João Jacinto Andrade, 895; 10.º, Mário José dos Santos, 815 pontos.

A classificação final ficou assim ordenada:

1.º, Amabélio Artur Pereira, 5 450 pontos; 2.º, João Martins Gaivota, 4 845; 3.º, António José Gonçalves, 4 205; 4.º, João Jacinto Andrade, 3 855; 5.º, Laurino Soares, 3 670; 6.º, Eduardo Conceição Pires, 3 560; 7.º, José Ramos Pires, 3 515; 8.º, António das Neves, 3 345; 9.º, José António de Oliveira, 2 745; 10.º, António Vicente Seródio, 2 675 pontos.

O peixe de maior pontuação, um sargão de 1 870 gramas, pescado por António José Gonçalves, rendeu 1 770 pontos e a maior quantidade pescada, 27 unidades, coube a Amabélio Pereira.

II Concurso intersócios do Clube Fraternidade Recreativo, de Portimão

Organizado pelo Clube Fraternidade Recreativo de Portimão, decorreu em Sagres o II Concurso de Pesca Desportiva de Mar, que teve a seguinte classificação:

1.º, João Gonçalves Jacinto, 23 545 pontos, taça Comissão Regional de Turismo do Algarve; 2.º, António Mateus Felisberto, 20 920 pontos, taça Clube Fraternidade Recreativo; 3.º, Virgílio dos Santos Nunes, 20 100 pontos, taça Banco Totta e Açores; 4.º, Francisco Alves Soares, 19 580 pontos, taça Governo Civil de Faro; 5.º, Horácio Virgílio Gonçalves Machado, 19 100 pontos, taça Ourivesaria Catarino, de Portimão; 6.º, Ernesto Vicente Leandro, 17 645 pontos, taça Materiais Novobra, Lagos; 7.º, José Torres Seita, 16 790 pontos, taça Companhia de Seguros Confiança; 8.º, José Rodrigues do Serro, 16 000 pontos, taça Companhia de Seguros Pátina; 9.º, António Joaquim Prudêncio, 15 300 pontos, taça Companhia de Seguros Bonança; 10.º, Rodrigo dos Santos Cabrita, 9 700 pontos, taça J. P. S. Portimão; 11.º, Francisco Assis Rodrigues, 9 360 pontos, troféu Companhia de Seguros Mundial; 12.º, Fernando Rego Tomás, 9 295 pontos, 13.º, Manuel Rebocho Mangas, 9 100 pontos, medalhas douradas; 14.º, João Manuel Alexandre Alves, 9 050 pontos e 15.º, Armando Augusto Costa, 7 870 pontos, medalhas prateadas.

O maior exemplar coube a Ernesto Vicente Leandro, uma dourada com 2 970 gramas, taça Grémio dos Industriais de Conservas do Peixe do Barlavento do Algarve, Portimão; o maior número de exemplares, 32, a José Rodrigues do Serro, taça Grémio do Comércio de Portimão, recebendo o último classificado, Paulo da Silva Reis, com 1 970 pontos, um prémio especial, oferta da Farauto, Lda.

Que os referidos José Romão e mulher Antónia Filipe, tinham mandado construir o dito prédio, há mais de trinta anos, numa parcela de terreno que lhes foi doada pela Câmara Municipal deste concelho, não tendo sido lavrado qualquer título de aquisição, o que impede os justificantes de obter a inscrição a seu favor, no registo predial, do mencionado imóvel.

Está conforme. Cartório Notarial de Vila Real de Santo António, vinte de Novembro de mil novecentos e setenta.

O Ajudante,
Manuel Clemente

Decorreu em Faro um curso para professores de francês

Nas instalações da Escola Preparatória D. Afonso III, em Faro, decorreu um curso de actualização e aperfeiçoamento das técnicas do ensino de francês. Foi promovido pela Direcção Geral de Serviços do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário, com a colaboração do Instituto Francês de Lisboa e orientado pelo sr. H. Malintin.

Participaram 31 professores das Escolas Preparatórias do Algarve, e de Évora, Beja, Grândola, Viana do Alentejo, Santiago do Cacém, Cuba e Moura.

Vende-se ou trespassa-se

Casa comercial na Rua D. Pedro V, n.º 78, em Vila Real de Santo António. Tratar com João Soares Bandeira, no mesmo local.

ROGAMBOLE

(Continuação)

A OBRA DE ANDRÉA

— O quê, o que diz? — exclamou Léon.
— Digo a pura verdade. Antes de ontem veio cá a Fanny... conhece, não é verdade, a criada da senhora Baccarat?
— E depois? — disse o operário, que estremeceu ouvindo pronunciar aquele nome, porque receava a influência perversa da pecadora sobre a irmã.
— Ora, segundo o que eu imagino — prosseguiu a porteira perfeitamente ao facto dos negócios da família de Cerise, — parece que sucedeu alguma coisa à mãe ou à filha, porque a criada vinha com cara de angústia, e a menina Cerise saiu logo a correr, e desde ante-ontem que a não vejo.
Léon não quis ouvir mais nada, e deitou a correr para casa de Baccarat na rua Moncey. Ali, porém, esperava-o uma nova surpresa. A grade, as janelas e as portas estavam hermeticamente fechadas. Tocou a campainha vezes seguidas, e ninguém veio abrir. Afinal, um moço de recados que estacionava na esquina da rua Blanche, cansado de ver o operário tocar a campainha inútilmente, levantou-se e veio direito a Léon.
— Ai não está ninguém — disse ele.
— Ninguém?!
— A senhora que morava nessa casa foi-se embora.
— O que diz, homem?

— Sim senhor, foi-se embora ontem de manhã, e a mãe e os criados partiram hoje.
— É impossível! — exclamou Léon, fora de si. — E para onde foi ela?
— Isso agora é que não sei — respondeu o moço de recados.
Léon perdeu a cabeça e imaginou que Baccarat roubara a irmã para a entregar a algum libertino. Soltou um rugido semelhante ao do tigre mal ferido, e sem saber o que fizesse, sem mesmo ter consciência das suas acções, voltou maquinalmente para a rua Bourbon-Villeneuve, contando que sua mãe lhe daria algumas notícias de Cerise.
A aldeã, porém, não via a florista havia dois dias. Léon dirigiu-se outra vez à rua do Faubourg-du-Temple, mas Cerise não tinha aparecido. Então correu à oficina e foi ter com o patrão a pedir-lhe um conselho. O marceneiro era um homem prudente e sensato: sossegou um pouco a agitação do seu operário, persuadindo-o de que provavelmente a sua noiva fora para o campo com a irmã, e prometeu-lhe além disso, acompanhá-lo no dia seguinte ao commissariado de polícia do bairro, a dar parte do desaparecimento da florista, se ela até então não tivesse voltado para casa. Léon Roland deitou-se vestido, e passou uma noite agitada e cheia de angústia. Ao romper do dia voltou ao Faubourg-du-Temple. Não havia ainda notícia alguma de Cerise, e Léon correu a casa do marceneiro. Este acompanhou-o ao commissariado de polícia. O magistrado ouviu a declaração dos dois operários e disse-lhes:
— Quase sempre as raparigas em Paris deixam-se roubar por sua livre vontade; no entanto, vou mandar uma nota para a Prefeitura. Voltem daqui a dois dias.
Dois dias! Que ansiedade em tão longo espaço de tempo! Léon, sem poder atinar com o que fizesse, lembrou-se ao acaso de ir a casa da menina de Balder, e pedir-lhe notícias de Cerise, esperando que Joana lhe pudesse dar algumas informações. Era exactamente na hora em que sir Williams se apartava de Armando e de Bastien na porta Maillot, e corria para Bougival onde o esperava Joana adormecida. Léon transpôs quase de um salto a distância que separava o commissariado, da rua Meslay, onde tinha lugar outra cena de desolação. Léon encontrou Gertrudes chorando. Gertrudes adormecera na véspera à noite, sentada numa cadeira, e achava-se deitada sobre a cama, sem poder dar conta do que se passara. Todavia levantou-se e foi bater à porta do quarto de Joana.

Esta não respondeu, e Gertrudes entrou no quarto, pensando que a sua menina dormia ainda. O quarto porém estava deserto, a cama feita e Joana desaparecera.
Na pequena mesa em que a menina de Balder costumava escrever, estava uma carta aberta, Gertrudes leu-a tremendo e soltou um grito.
— Santo nome de Jesus! — murmurou ela — a minha boa menina está perdida!
A carta tinha a assinatura de Joana, cuja letra estava perfeitamente imitada, e dizia assim:
«Minha boa Gertrudes:
Quando acordares já não encontrarás ao pé de ti a tua querida Joana. Parti e deixei-te. Parti sem poder dizer-te por quanto tempo nem para que sítio me dirijo. Sabes tu, porém, a razão por que assim te deixo? Parto para fugir a um homem a quem julguei amar e a quem com certeza não amo agora: o sr. conde de Kergaz. Parto para seguir o homem a quem amo cujo nome não posso declarar.
Perdoa à tua querida Joana que tanto te queir, e se aparta de ti com verdadeira saudade.»
Quando acabou de ler este laconico bilhete, a velha criada sentira-se desfalecer, e perguntara a si mesma se estava acordada, ou enlouquecera. A letra, porém, era de Joana e como podia ela supor que a juvenil senhora fora roubada, e não escrevera aquela carta? Gertrudes nem sequer pensara em analisar a conduta de sua ama; não reflectiu que era inverosímil que a menina de Balder dissesse amar um outro homem, quando na véspera ainda, ajoelhara e pedira a Deus do íntimo da alma pelo sr. de Kergaz. A velha criada vira e compreendia apenas uma coisa, e era que Joana tinha partido, e que talvez a não tornasse a ver. E como Joana era a sua filha querida, Gertrudes derramava copioso pranto, e arrancava os cabelos, quando Léon Roland chegou, pálido e agitado. A dor da criada, que encontrou só, obrigou o moço operário a calar por um momento a sua própria dor.
— Oh! meu Deus! — disse ele — o que tem senhora Gertrudes? Onde está a menina Joana?
(Continua)

Janela do MUNDO

OS HOMENS QUE FAZEM A HISTÓRIA

A INESPERADA morte do general De Gaulle trouxe de novo até nós a figura do político e do homem, as suas qualidades e os seus defeitos, a sua força e a sua vontade, a sua presença permanente em meio-século de História da França.

O seu desaparecimento reuniu, o que acontece raramente, a concordância de aliados e inimigos, numa merecida homenagem a um homem cujas decisões chegaram a influenciar de tal modo o seu país que abalaram o curso dos acontecimentos mundiais.

De Gaulle foi indiscutivelmente o herói francês de pós-guerra, a figura mais popular do seu país, aquele a quem jamais os seus compatriotas souberam agradecer.

Nem sempre como político recebeu o aplauso geral que colheu a sua figura de combatente. Tomou, no entanto, decisões graves que colocaram a França numa situação ímpar entre os países europeus. Recordemos a autodeterminação da Argélia, o tratado de cooperação com a Alemanha, a retirada da NATO, mas não da Aliança Atlântica, o reconhecimento do governo de Pequim, a atitude pró-árabe no conflito do Médio-Oriente...

Quem está em Lisboa e quer desanuviar o espírito é até Cascais que o poderá fazer. Para quem esteja em Faro ou em Loulé, Quarteira é uma das melhores hipóteses. Uns momentos junto do mar, tomando um café bem quente e falando de coisas rijas, é a cura.

Pois a principal via de infiltração de Quarteira é uma espécie de cobra enroscada nas casas. As crianças, por essa cobra, correm constantemente perigo: sem passeios, uma longa rua tortuosa, com uma iluminação deficiente, tudo isso contrasta com a exuberância da marginal onde as vivendas se renovam, os hotéis se prezam e o mar tudo reflecte.

Por essa rua é a velocidade dos meninos bonitos do automóvel, é a imitação dos heróis da velocidade com essas motorizadas em grande parte guiadas por gente de meia idade. A velocidade está enroscada nas casas de Quarteira. E quem atravessa Quarteira apenas esta cobra fica a conhecer. Jardins? Onde? Árvores? Onde? Etc.? Onde?

Nesta terra é urgente um arrojo. Apenas a dose quilómetros da Avenida de Loulé, o arrojo de que Quarteira precisa não pode estar muito longe da vila... — P. X.

coragem de sacrificar o seu chefe, quando a sua política derivou para o plano das irrealidades. De Gaulle teve, assim, em vida, o seu apogeu e o seu declínio, mas na morte conseguiu fazer esquecer tudo que o diminuiu.

BRISAS do GUADIANA

Experiência curiosa, inédita e grátis, proporcionada aos automobilistas em Vila Real de Santo António

É NATURAL que muitos algarvios interessados pelo automobilismo tivessem visto, ou vejam ainda, nas feiras deste ano, um pavilhão em que se ofereceu, por dez escudos e durante alguns minutos, o desfrute de um carro de corrida, a percorrer (simuladamente, como se depreenderá), um circuito de fama internacional.

Trata-se, sem dúvida, de uma experiência curiosa, para quem se limita a conduzir pacatamente a sua viatura nas terras e estradas da Província, mas que, a nosso ver, não chega aos calcanhares de outra experiência que, gratuitamente, e a qualquer hora do dia ou da noite, ao automobilista se faculta em Vila Real de Santo António.

Para esta última, basta percorrer, em

linha recta, as escassas centenas de metros que nos levam da Escola Industrial e Comercial à Estação vila-realense dos Caminhos de Ferro. Se o veículo seguir apenas a dez quilómetros à hora, o seu condutor e passageiros darão, sem grande esforço, dez vezes com a cabeça na parte superior da viatura; se seguir a vinte, darão vinte vezes, e assim sucessivamente.

A experiência é, sem dúvida, engraçada, tal como o estado em que se encontra o pavimento daquele troço de rua, mas, pelo sim pelo não, aconselhamos os interessados que ali desejem exceder os 30 quilómetros-hora, a irem munidos de capacete, por causa das dúvidas, ou das eventuais fracturas de crânio.

NOVA MÁQUINA PARA INUTILIZAR SELOS DE CORREIO

Na Estação Telegrafo Postal de Vila Real de Santo António começou a funcionar uma máquina destinada a inutilizar os selos da correspondência por ali expedida, a qual muito vem facilitar o trabalho dos funcionários a quem tal tarefa incumbia. Bastante rápida, a máquina executa em escassos minutos um serviço que se tornava exaustivo e levava horas a fazer.

Para que o benefício que o melhoramento representa tenha integral aproveitamento, necessário se torna que a aposição dos selos na correspondência seja sempre feita nos moldes tradicionais, ou seja no ângulo superior direito dos sobrescritos.

EXPOSIÇÃO FILATELICA COMEMORATIVA DO DIA DO SELO

Podem-nos alguns filatelistas vila-realenses que informemos os restantes interessados na realização, em Vila Real de Santo António, da XI Exposição Filatélica Comemorativa do Dia do Selo (1 de Dezembro), de que, para estudo das condições em que tal exposição deverá efectuar-se, está marcada uma reunião para as 19 horas de segunda-feira, dia 23, junto à Casa Rubi, na



Agora que se representa, pela primeira vez em Portugal, uma peça extraída de um livro do grande Franz Kafka, damos a imagem do edifício que teria inspirado ao escritor o seu extraordinário romance «O Castelo».

CRÓNICA DE PORTIMÃO

por Candelas Nunes

Coisas de domingo

NUM destes domingos de Outono adiante, que mais parece prolongamento de Verão, quando, à tardinha, passava a família e me entretinha a ver as tégulas romanas que abundam entre os valados dos campos que separam o Pontal da Rocha, tropecei, de repente, numa prota desportiva absolutamente espontânea, que me deixou o moço em polvorosa (vai quase em cinco anos, como o tempo corre!) obrigando-me a alinhar entre a assistência que de crianças e adolescentes se compunha em grande maioria.

Tratava-se de uma eliminatória de campeonato local de motorizadas, em pista íngreme, evada de acidentes, pela qual os bólidos guinchavam toda a genica dos motores, e os intrépidos pilotos, cobertos de poeira, davam soberbas lições da arte de cavalgar qualquer selim.

Que a prova era clandestina não me restavam dúvidas. Pois seria possível organizar-se oficialmente uma coisa daquelas, sem a presença de um único agente da autoridade, sem as menores condições de segurança, sem que ao menos se obrigasse os condutores ao uso elementaríssimo do capacete de protecção? Embora ali houvesse publicidade à falta das marcas representadas na competição, a macacagem era por demais evidente, a improvisação muito notória.

Num dos intervalos tirei-me de cuidados e juntei-me aos mirões em redor do «juri»; verifiquei que sobre uma mesa se apresentavam três minúsculas taças, em casquinha, ofertas dos vendedores das bicicletas. Além deste prémio, disseram-me que havia ainda a hipótese de ida a Lisboa para o concorrente que melhor e mais depressa se saísse daquele inferno.

Que inferno era mesmo a pista escolhida, com declives de quase oitenta graus, onde as máquinas espirotavam como corcés nervosos, atirando, de onde em onde, com o cavaleiro para cima dos matos, pedregulhos, ou de encontro aos troncos das árvores que ladeavam a pista. Um vi eu que voou atrás da bicicleta, coisa de uns três metros de altura, e se esborrachou depois em cima dela; outro, coberto de sangue, depois de umas cinco quedas, fazia ouvidos de mercador aos que lhe aconselhavam a desistência. Posto de socorros, ambulância de prevenção para conduzir feridos ou mortos (tagarto, tagarto!), ao Hospital, concorrentes ou assistentes (que a própria assistência, atravessando-se na pista para melhor seguir as peripécias, não estava, não senhor, livre de perigos) eram coisas que primavam pela ausência. E tudo no meio do mais sólido entusiasmo, autêntico arraiá, palmas, incitamentos, damas semífias, de mini-saia, torcendo pelos seus heróis, num ambiente espontaneamente, entusiasticamente desportivo.

Pois o que a mim me espanta, em tudo quanto vi e conto, é que seja possível a dois passos da Rocha organizarem-se tais provas absolutamente clandestinas — cu já não vi chegar a G. N. R. que parece que interveio, era já noite, quando se ia na terceira mão de quinze voltas ao percurso — e ainda que haja tanto quem abuse da generosidade daquele sangue jovem derramado em vão, para a conquista ilusória de uma mão cheia de nada.

E, constando-me que estas provas têm tido continuidade, aqui e noutros sítios, para publicidade às marcas, os únicos que têm tudo a ganhar e nada perdem, espanta-me que não metam na cadeia os organizadores de tais coisas que conto como vi, num destes domingos de Outono adiante...

MEDITAÇÃO SOBRE DUAS CARTAS EM QUE SE FALA DO ALGARVE

por Torquato da Luz

DE aplauso, umas vezes, e de protesto violento, outras, as cartas recebidas dos leitores, por quantos de nós se dedicam à ingrata (mas tantas vezes cheia de compensações espirituais) tarefa de comunicar com o público através da Imprensa, constituem sempre motivo de meditação: elas trazem, não raro, indicações preciosas sobre as reacções do público áquilo que escrevemos. Ora, para quem, como eu, é apologista incondicional do diálogo objectivo e frio, na solução de todos os problemas, sejam eles quais forem, tais cartas não podem deixar de ser bem-vindas.

Vem isto a propósito de duas longas cartas que me endereçou o sr. Manuel Monchique Ribeiro Alves, de Vila Real de Santo António, que, segundo me parece, não tenho a honra de conhecer, e nas quais se fazem pertinentes consi-

derações sobre o problema do turismo na nossa Província.

Na primeira, o sr. Ribeiro Alves debruça-se sobre temas como «investimentos no Algarve», «falta de alimentos», «possível vinda de estudantes estrangeiros para trabalhar em Portugal» e «divertimentos». O comentário pormenorizado ao teor da carta ocuparia grande parte do precioso espaço deste jornal, o que me impede de o elaborar. No entanto, sempre direi que, se há na carta do sr. Ribeiro Alves pontos de vista coincidentes com os meus, e é esse o caso da maioria, outros existem em que profundamente divergimos. Está neste caso, por exemplo, o capítulo dos divertimentos, em que o meu amável correspondente diz, a certa altura: «Que espécie de divertimentos se pretende no Algarve? Não chegam os que já cá temos? O Algarve é mesmo assim. O folclore é rico e suficiente, mais ou menos. Festivais de grande monta? Todos os dias? É impossível.»

É claro que não se luta — nem é isso que está em causa — por «um festival de grande monta, todos os dias». Mantenho, no entanto, que a falta de divertimentos capazes continua a constituir um óbice grande ao pleno desenvolvimento turístico da nossa Província.

Na sua segunda carta, o sr. Ribeiro Alves advoga a criação de uma escola hoteleira em Vila Real de Santo António, «porque o pessoal, em número de 500 para mais, profissionais e não profissionais (e estes em maior número) justifica bem essa criação». Também eu, claro, sou a favor da concretização desse justo anseio vila-realense — como de muitos outros que a Vila Pombalina justamente tem e pelos quais me tenho empenhado, encontrando como recompensa a incompreensão daqueles que, por via dos cargos que ocupam e da responsabilidade que lhes cabe no progresso da vila, deveriam ser os primeiros a verificar que não me move outro interesse que não seja o desejo de que a localidade progrida. Mas, quanto a isto, não vale a pena adiantar mais nada...

Prosseguindo na sua carta, o sr. Ribeiro Alves refere-se aos parques de campismo, defendendo o ponto de vista já por mim expresso nestas colunas, e diz, a certa altura: «A disputa é grande e desonesta (em parte) entre o Barlavento e o Sotavento. O critério é totalmente diferente. Porquê? Será que as agências de viagens tenham razões gananciosas no Barlavento? Tudo indica que sim.» Desconheço as razões em que se baseia o meu correspondente (e lá as terá) para as afirmações reproduzidas. A mim, todavia, parece-me que essa pretensa «disputa» não tem que constituir motivo de preocupação. E que eu luto, pura e simplesmente, pelo progresso do Algarve — e não encontro motivo para me ocupar de rivalidades de bairro. Sou apenas algarvio (embora, por acaso, nascido no Barlavento) mas nunca penso na nossa Província em termos de Barlavento e Sotavento.

O sr. Ribeiro Alves defende, por fim, «a possível e viável criação de uma lota industrial onde a indústria hoteleira se abastece de peixe a preços que permitissem praticar refeições a nível quase caseiro». E, ainda: «Porque não também um matadouro industrial a nível provincial, centralizado em Faro ou em Loulé, que abastecesse carne com a mesma finalidade?». É claro que é desnecessário dizer quanto me agradaria que tal ideia tivesse possibilidades de vingar e tornar-se realidade...

O JORNAL DO ALGARVE vende-se, em Vila Real de Santo António, na Havaneza — Rua Teófilo Braga.

Mais um Prémio Grande

Distribuído aos balcões da

CASA DA SORTE

Extracção da semana finda:

46525-3.º Prémio - 240 Contos

ESBOÇO PARA UMA IDEIA DE DESENVOLVIMENTO NO ALGARVE

por Adão Contreiras

DUAS hipóteses se põem como promotoras das mudanças e transformações das sociedades: uma força externa pressionante, ou uma sensibilidade interna receptiva e apta, descomprometida, para a mudança.

Tradicionalmente ou por uma educação preñha de deficiências, a estrutura social está pouco apta a qualquer tipo de transformação, é mesmo insensível a esse facto o estudo histórico mostrando isso ser uma constante; pelo contrário a sua ideologia tenta defender o que já é arcaico. Todavia, para qualquer acréscimo económico que se pretenda adentro de qualquer povo, uma transformação na sua mentalidade é inevitável; isto é, as condições reais que se dão entre o trabalho e a sua finalidade são afectadas.

As razões por que o meu pai trabalhou já não são as mesmas por que eu trabalho; todo o contexto histórico pode ser mudado; e, às vezes no curto espaço duma geração. Os métodos com que o meu pai construía uma casa, por exemplo, não são os mesmos com que nós as construímos hoje; ao barro amassado sucedeu o cimento e o ferro, tudo mudou; logo, a estrutura mental pela qual se pensava «em moldes de barro» deixou de existir; e aí por diante, em toda a actividade do homem e suas coordenadas.

Ora, aconteceu que estamos a transformar-nos mais por uma pressão exterior — uma necessi-

dade de caminhar para a Europa — do que por uma sensibilidade apurada para o contexto histórico. Mas se nenhuma transformação é possível sem uma reviravolta na própria mentalidade, como vamos sair deste impasse? Podemos mergulhar a cabeça numa bacia e pensar que estamos a fazer explorações no fundo do mar, ou então correr para o mar e aí combater com a sua impetuosidade!

Quem tem necessidade de um horizonte vasto, não fica a contemplar o peixe no aquário, não tem outra saída. Se, entretanto, tudo mudou, e está bem à vista que assim é, sem uma transformação na maneira de pensar, é impossível que aumente a produção em qualquer sector. Não se podem aplicar técnicas avançadas na gestão com uma mentalidade de gestão antiquada. O que se sobrepõe a toda e qualquer ideia é a necessidade de mudar os conceitos pelos quais o homem se regeu até determinada altura e, aqui, a educação tem o seu papel prioritário, as escolas e os liceus devem começar o trabalho preparatório...

O plano de desenvolvimento do Algarve não se pode desassociar do plano do resto do País, o que é dizer: para o Algarve, a reforma do ensino, dentro de moldes adequados às exigências de hoje; liberdade à imaginação criadora, é a condição real do seu progresso.

...E TAMBÉM

Residencial M. A. Mendonça

Ponta Delgada (Açores)

FOI PINTADO COM TINTAS

EXCELSIOR

Distribuidor para todo o Algarve

«ESTANTARTE»

REPRESENTAÇÕES E COMÉRCIO, LDA.

Rua Aboim Ascensão, 54

Telef. 24787 FARO



SERVIÇO DE SOCORROS PERMANENTE VILA REAL DE STO. ANTÓNIO